

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

<https://archive.org/details/revistainternaci2081unse>

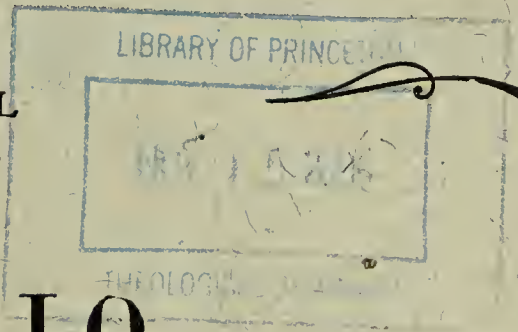
No 7 unavaliada

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHÜTEL



SUMÁRIO

Prognósticos de Nova Era	<i>Redação</i>
Os Fenômenos de Bilocação	<i>Prof. Ernesto Bozzano</i>
Os Três Aspectos	<i>J. B. Chagas</i>
Trinta anos entre os mortos	<i>Francisco Klörs Werneck</i>
Opiniões e Desafios	<i>Leopoldo Machado</i>
Alguns Factos Espíritas tomados ao acaso, ocorridos em diferentes lugares e épocas	<i>Carlos L. Chiesa</i>
O Espiritismo na opinião dos intelectuais	<i>Redação</i>
A Idéia de um Deus Racional	<i>Adauto de Oliveira Serra</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✂ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas : Rua Ruy Barbosa n. 673

Prognósticos de Nova Era



stamos atravessando uma época em que importantes acontecimentos suceder-se-ão no sentido de conduzir a humanidade ao posto que lhe está destinado no concerto universal.

Não se trata apenas de uma reforma parcial, mas de uma reforma bem significativa de todas as instituições que, em vista do surto progressista que está invadindo as coletividades e o indivíduo particularmente, se tornaram inadequados e impotentes para resolverem as questões vitais da vida dos povos.

A ciência, os sistemas religiosos, filosóficos, educativos, políticos, sociais e governativos, estão passando pelo *cadinho purificador* em que lutas renhidas se travam entre o espírito de sistema, preso a preconceitos, tradições e mesquinhos interesses, e o *novo espírito vivificador*, cuja missão é estabelecer a paz e a equidade entre os homens.

Acreditamos sem reservas que

tudo quanto se desenrola no cenário terreno atualmente, visa forçar os homens a uma melhor compreensão das cousas, dos seus deveres fraternais, de suas urgentes obrigações no sentido de cooperarem para o estabelecimento de um novo mundo baseado na moral cristã.

Não poderá haver paz duradoura, nem justiça e fraternidade se os homens continuarem na malfadada rotina de salvaguardar unicamente os seus interesses em detrimento do interesse coletivo. E' imperioso que as nações vivam como se constituíssem uma só família, sem o que nada de útil, de positivo, farão em seu proveito.

Mas isto, a-pesar dos esforços inauditos dos homens de maior evidência, não será fácil, porque cada um, que só vê as cousas pelo lado materialista, alheio às cousas do espírito, procura agarrar-se aos seus interesses na falsa suposição de se agarrar a uma tábua de salvação. E' o que se dá com o indivíduo particularmente e com as nações em geral. O esforço é, enfim, em-

pregado na salvaguarda dos próprios interesses, e interesses materiais.

Estamos, portanto, plenamente convencidos de que ainda não chegou a ocasião de o mundo usufruir os proventos de uma paz baseada no espírito de justiça e fraternidade. Será dado, é verdade, mais um largo passo no caminho do progresso, passo preparatório de novos acontecimentos de ordem moral e espiritual, mas não será o que todos esperam, porque nem todos estão preparados de maneira a contribuir com uma pequena parcela de paciência, tolerância, caridade, renúncia e humildade para a implantação da verdadeira paz alicerçada no espírito de justiça e fraternidade.

De acôrdo com as predições crísticas, que não podem falhar, depois das grandes dôres por que tem de passar a humanidade, dôres que já estão em pleno desenvolvimento, o Evangelho será prègado, difundido em todas as nações, mas em espírito vivificante, e então virá o fim do mundo, porém, de um mundo de baixa moral, deshumano, ganancioso e hipócrita.

Quando isso suceder, os povos e as nações se rejubilarão por serem muito bem recompensados de uma longa noite de vigília. Novos horizontes, esplendorosos, se descortinarão aos acordes de celestial orquestra.

Mas isso tudo não será obra das religiões, da ciência, dos governos e das instituições oficiais, mas unicamente do Espiritismo que, com a produção sucessiva e em grande escala, dos factos e fenômenos psíquicos e com a divulgação do Evangelho em espírito vivificante, transformará a humanidade assim como Jesus transformou a água em vinho nas bodas de Caná, forçando os homens de todas as crenças e castas sociais a ingressarem nas suas fileiras.

A propósito lembramos que sábios eminentes, tais como o Prof. Charles Richet, da Academia de Medicina de Paris; Dr. Paul Gubier, Diretor do Instituto Pasteur de New York; Dr. William Crookes, da Sociedade Real de Londres; Camilo Flammarion, célebre astrônomo, e tantos outros de igual renome, estudaram, aceitaram e propagaram o Espiritismo como doutrina positiva, verdadeira e única na solução de todos os problemas humanos.

O Espiritismo, desde o seu advento, há quasi cem anos, iniciou a grande reforma, que irá aumentando de intensidade à medida que o tempo caminhar, o que significa que a humanidade será cada vez mais felicitada por novas dádivas celestiais.

Portanto, grandes acontecimentos surgirão no cenário terreno com o único objetivo de conduzir a humanidade aos tabernáculos eternos.

A obra messiânica de Redenção é obra de educação. Jesus foi mestre e teve discípulos. O' vós que sois pais, lembrai-vos da vossa responsabilidade como mentores dos vossos filhos. O' vós, que sois preceptores e mestres, pesai bem o compromisso que assumís no desempenho da tarefa a que vos dedicais. Pais e mestres, cerrai fileiras dando as mãos uns aos outros, como legítimos expoentes do lar e da escola, às duas colunas em que a sociedade se apoia, os dois templos augustos, os dois santuários onde se exerce o verdadeiro sacerdócio.

Os Fenômenos de Bilocação

(Continuação)

Prof. ERNESTO BOZZANO

2.ª CATEGORIA

CASO VI — Neste novo caso é, pelo contrário, o mesmo *sujeito* que, percebendo seu «duplo» á distancia, constata que a sensibilidade periférica transferiu-se para o próprio duplo. O caso foi relatado pelo Dr. Lemaitre, e extraído do citado volume de Delanne, pag. 388 :

«Certo colegial — que denominaremos Boru — inteligente, livre de qualquer nevrose, bem como sua família, experimentou, aos dezoito anos e quando se preparava para o exame de literatura francesa, uma autoscopia de admirável nitidez. O caso ocorreu na tarde de 22 janeiro de 1901, no momento em que êle elaborava o paralelo entre os caracteres de duas peças cornelianas : «Polyencte» e o «Cid». E eis como êle me relatou o caso :

«Eu estava bastante atarefado, em traje caseiro, quando, em meio da análise duma cena do Cid, tive necessidade de uma informação. Levantei-me e fui ao aposento próximo procurar o volume em que deveria encontrar a dita informação. Como se deu o facto? Sempre preocupado com êsse mínimo detalhe, encontrei-me sôbre a soleira da porta de meu quarto e para a cabeceira de meu leito, o livro numa mão, enquanto que a outra mão segurava a maçaneta da porta. Estava eu nessa posição, quando de repente, me vi em traje caseiro escrever à minha mesa, a frase que eu debatia ou creava mentalmente. Não sei quanto tempo isso durou, mas nenhum detalhe faltava nessa visão, nem o lampeão com sua bandeira verde, nem a pequena biblioteca acima de minha cabeça, nem os cadernos, nem o tinteiro, etc. — Causa curiosa, eu tinha consciência perfeita de estar em pé diante da porta e sentia o frio metálico da maçaneta que eu pegava, mas, ao mesmo tempo, sentia a sensação de estar sentado sôbre a cadeira e de exercer com meus dedos, a pressão necessária para escrever. Eu via

Boru sentado ; melhor ainda, eu via e lia a frase que êle escrevia, e contudo êle estava distante dois ou três metros da porta. Depois fui à mesa e nada mais subsistiu dessa duplicata. Boru 1 e 2 talvez se fundiram em um só».

Os casos de «dupla consciência» análogos a êste, são teoricamente importantes, e isto porque servem para provar, baseados sôbre factos, que os fenômenos de «autoscopia» representam efetivamente uma fase inicial dos fenômenos de «bilocação» nos quais a consciência já não é bipartida, mas integralmente transferida, com a inteligência e as faculdades sensoriais supranormais, para o «corpo etérico» exteriorizado, enquanto que o «corpo somático» está estendido em condições de sono sonambúlico profundo ou em catalepsia.

No caso citado, a consciência do *sujeito* permanece e reside no organismo corporal, enquanto que a sensibilidade parece ter emigrado para o fantasma ; no caso que segue, o fenômeno de «dupla consciência» se repete com maior precisão, e se evidencia um dos mais probantes do nosso ponto de vista. Com efeito, neste caso a pessoa tem plena consciência de se achar assentado em seu próprio lugar, ao mesmo tempo que simultaneamente sente-se existir também no fantasma exteriorizado, donde vê seu próprio corpo estendido e inerte sôbre o divan. Do que resulta poder ser considerado êste último episódio como um exemplo de transição, graças ao qual se assiste a um dos fenômenos de «autoscopia», os quais se enxertam e se confundem com os de «bilocação» nos quais a consciência da pessoa está integralmente transferida para o fantasma, casos que serão examinados na categoria seguinte.

Observo, enfim, que o facto que passo a relatar é análogo ao precedente, por uma curiosa coincidência: Trata-se de outro estudante que, pre-

parando seus exames, por sua vez, experimenta o fenômeno de autoscopia. Dir-se-ia que o esforço intelectual favorece o desdobramento fluídico.

Caso VII.—Extraio-o do «*Journal of the S. P. R.*» (1894, pg. 287).

O Dr. C. E. Simons conta que em Janeiro de 1890, aos 25 anos de idade, e quando estudava medicina, aconteceu-lhe certo dia, passar por um fenômeno estranho, e este quando com outros colegas, êle se preparava para os exames da Faculdade. Êle escreve:

«... Sentia-me em condições de alguém presa de um pesadelo. Sentia-me incapaz de mover-me em uma ou outra direção e experimentava a sensação de estar ligado de pés e mãos. Somente eu podia mover os olhos para todos os lados, mas não conseguia abrir ou fechar as pálpebras. Eu tinha plena consciência do que ocorria em meu redor. Vi a hora: 3 h. 49 da tarde; olhei o caderno em que escrevia o amigo H., observando que tomava notas do tratado: *Matéria Médica*. Assim permaneci durante três minutos, contados no relógio à minha frente. Durante êsse tempo, tive a sensação de uma «fôrça» desconhecida que paralizava meus movimentos, e essa fôrça parecia concentrada atrás de mim, à distância de um metro, pouco mais ou menos, ao nível de minhas espáduas.

Quando me interrogava se estava desperto ou não, de repente tive a consciência de me dividir em dois sêres distintos, e a «fôrça» em questão havia provocado o fenômeno. Um dos dois sêres jazia, inerte, sôbre o divam; o outro estava livre e se deslocava num círculo restrito, donde êle podia, à vontade, contemplar o segundo fixado no lugar. Entre ambos existia uma «fôrça elástica», que impedia o rompimento do laço que os unia. À vontade podia eu obter que o sêr, diante de mim, se estendesse no chão ou circulasse no quarto a pouca distância do outro. Quando a distância entre ambos atingia a certo limite, a «fôrça elástica» que os unia, se estirava. Além desse limite (que agia entre os dois sêres), nenhum esforço de vontade de minha parte conseguia distanciar mais o sêr fluídico, e,

atingido o limite, eu experimentava forte sensação de resistência nos dois corpos».

Ê-se fenômeno de «desdobramento» durou por mais cinco minutos. Em seguida pareceu começar a fusão dos dois sêres, à qual eu resistia, percebendo eu poder impedi-la, à vontade. Finalmente, por curiosidade, para saber o que poderia acontecer, deixei fazer-se a fusão, que foi rápida, sem incidentes. De novo tentei então provocar a separação, mas a mesma «fôrça» que, a princípio, havia paralizado meus movimentos, agora me impedia repetir o desdobramento...

Nenhuma sensação tive ao despertar. As condições em que me encontrava dissiparam-se simplesmente, pouco a pouco. Convém notar que no período de desdobramento, jamais cessei de me interrogar sôbre o que me estava acontecendo, cuidando de observar o que se passava em volta de mim, com o propósito de verificar, em tempo útil se as observações feitas correspondiam à verdade; e tudo se confirmou minuciosamente exato...

Exerço a profissão de médico há muitos anos, e por toda a parte sempre investiguei para descobrir se outros haviam experimentado fenômenos análogos ao meu, mas não obtive resultado algum. E' por isto que decidi comunicar esta aventura à «*Society S. P. R.*» (Assinado: Dr. C. E. Simons.)

Tendo comentado o caso precedente para realçar-lhe a importância teórica, bem pouca coisa me resta a assinalar, exceto a circunstância interessante da pessoa que teve a sensação — muito rara nos casos de bilocação — da existência de uma «fôrça elástica», que ligava o corpo etérico ao corpo carnal. Em termos metafísicos, dever-se-ia dizer que se tratava de «cordão fluídico» que indissolúvelmente reúne o fantasma exteriorizado do corpo somático, visto que a ruptura desse cordão de circulação vital entre o fantasma ódico e o corpo inanimado, determinaria a morte fulminante da pessoa desdobrada.

* * *

Termino como comecei. Não há

dúvida que no grupo de fenômenos de autoscopia frequentemente se enxertam casos de visões, aparentemente análogos, de origem psicopática, o que, todavia, não autoriza a classificar toda a fenomenologia do gênero no grupo das alucinações propriamente ditas. As hipóteses neste sentido, formuladas pelo Dr. Sollier, podem ser consideradas satisfatórias julgadas cientificamente legítimas no tempo em que não existiam as investigações científicas. Hoje, não. As magníficas experiências de «exteriorização da sensibilidade» com a formação imediata de um «fantasma óptico», perceptível pelas pessoas imersas em sono sonambúlico e controláveis por meio de provas engenhosas, notadamente a que consiste na introdução de reativos químicos em solução no lugar em que a pessoa percebe seu próprio corpo exteriorizado, demonstram a existência de algo objetivo nêsse ponto. E se assim é

para as provas de autoscopia experimental, nada se opõe a que o mesmo aconteça nos casos de autoscopia espontânea. Sem contar que a existência dos fenômenos de «bilocação» com fantasma exteriorizado consciente, inteligente, dotado de faculdades sensoriais supranormais, concorre para reforçar a tese sustentada, visto que tais fenômenos nos forçam a inferir que os casos de autoscopia representam a fase inicial dos factos de bilocação. Isto dito, em homenagem à investigação da verdade pela verdade, e nada mais, porquanto os fenômenos de «bilocação» não precisam, para serem confirmados, dos de «autoscopia». Contrariamente, foram as investigações sobre os factos de bilocação que obrigaram a mudar de opinião sobre a verdadeira natureza duma parte dos fenômenos de autoscopia.

(Continua)



Os Três Aspectos



J. B. CHAGAS

O Espiritismo pôde ser, sem nenhum favor, estudado e analisado sob três aspectos ou prismas diferentes: o da manifestação dos espíritos ou seja o aspecto experimental ou científico; o dos princípios e da filosofia dêles decorrentes, explicando racionalmente todas as coisas, e o da aplicação dêsses princípios, na objetivação prática, dando nascimento a uma religião, em face das consequências morais, resultantes.

E esses três aspectos integram-se de tal maneira no Espiritismo, constituindo um todo, que não pôde ser encarado ou analisado, com êxito, qualquer dêles, isoladamente.

Daí afirmarmos — quem conhece apenas um dêsses aspectos, nada conhece.

Com essa tríplice classificação, ou distinção, não têm concordado os nossos adversários, porque argumentam assim: — Si o Espiritismo é Ciência, não pôde gozar dos favôres da lei, como confissão religiosa... Também não é Ciência, por-

que precinde de anfiteatros, dos gabinetes de pesquisas, dos laboratórios, etc, etc. — Não é Religião, porque não possui templos, nem ritos, nem cultos, nem sacerdotes, nem dogmas, etc, etc... — dizem eles, por fim.

No entanto o Espiritismo não sendo sómente Ciência, Religião e Filosofia, isoladamente, é tudo isso, englobadamente, dependendo apenas do prisma pelo qual seja encarado e analisado!

Ciência de observação e filosofia racionalista, o Espiritismo, quedaria incompleto, si a estes dois aspectos, não viesse se juntar o aspecto moral-religioso, pelo qual o Cristianismo, está sendo analisado e interpretado, sem formalismos irracionais, em *espírito e verdade*, nesta hora definitiva da história do mundo, em que é chamado a colaborar para o advento de tempos melhores.

Tomando por base a observação dos factos, muito especialmente, o que diz respeito ao mundo suprassensível ou supranormal, e o princípio, universalmente co-

nhecido, de que *todo efeito tem causa e que toda causa precede o efeito, e das mesmas causas decorrem os mesmos efeitos*, conclue que — *todo efeito inteligente, resulta de uma causa inteligente*. Assim, o Espiritismo amplia as suas investigações ao campo da filosofia, e culmina com o máximo objetivo moral-religioso, pugnando para o encaminhamento do homem, com o integrá-lo no conhecimento do sentido real da vida!

* * *

As próprias autoridades do país, chegaram a concluir, em documento oficial (portaria do Maj. Nelson de Melo, chefe de policia do Distrito Federal, transcrita em Mundo Espírita de 16-10-943,) pela necessidade de ser feita uma distinção entre o Espiritismo, propagado e aceito como crença religiosa, e aquele outro, puramente experimental dos fenômenos espiritísticos ou psíquicos, estabelecendo, então, a diferenciação das suas finalidades, ou seja, de culto e de estudos psíquicos.

Segundo a Portaria, o Espiritismo classificado como confissão religiosa, ficaria isento de fiscalização policial e a sua propaganda teria livre curso, dependendo apenas da observância das disposições de direito comum, exigências de ordem pública e dos bons costumes, aliás, no cumprimento do preceito da Constituição sobre a liberdade de crenças.

Quando, porém, êsse Espiritismo, tiver por objetivo trabalhos de experimentação psíquica, as autoridades consideram as instituições fundadas para êsse fim, como organizações de ensino científico, sob o amparo da lei (direito de associação).

Pelo exposto, fica bem claro que as próprias autoridades do país já reconheceram os dois principais aspectos do Espiritismo—o religioso e o científico.

Mas, apesar disso, ou seja dessa fortíssima comprovação, em tórno dos três aspectos do Espiritismo, muitas dúvidas têm surgido, e alguns contraditores, buscam apoiar as suas opiniões, na própria palavra de *Allan Kardec*, que, por mais de uma vez, o classifica, ora de religião, ora de ciência. (*Livro dos Médiuns*).

* * *

«O Espiritismo — já dizia ha anos passados *M. Maxwell*, doutor em medici-

na e substituto do Procurador Geral junto à Côrte de Apelação de Paris—vem a seu tempo e corresponde a uma necessidade geral... A extensão que essa doutrina está tomando é um dos fenômenos mais curiosos da época atual. Assistimos ao que me parece ser o nascimento de uma verdadeira religião, sem cerimônias rituais e sem clero, mas com assembléias e práticas. Pelo que me diz respeito, acho extremo interêsse nessas reuniões e sinto impressão de assistir ao nascimento de um movimento religioso fadado para grandes destinos». (*LES PHENOMENES PSYCHIQUES*).

E o dr. *Maxwell* afirmava uma verdade, hoje patente.

Fenômeno que não passou despercebido ao Codificador, quando afirmou: «Os fenômenos dependentes da manifestação dos Espíritos forneceram, pela sua natureza, um contingente aos factos reputados maravilhosos; devia, porém, chegar o tempo, em que fosse conhecida a lei que os rege, e êles entrassem como quaisquer outros na ordem dos factos naturais. Êsse tempo chegou e o Espiritismo, fazendo conhecer àquela lei, trouxe a chave da maior parte das passagens das escrituras sagradas, que aludiam a ela e aos factos miraculosos».

Porque a ciência contemporânea pesquisou o mundo interior das cousas, penetrou o mundo objetivo, em suas causas mais íntimas e profundas, mas foi impotente, no investigar o universo invisível. E é êsse império ilimitado que a Ciência espírita lhe oferece conquistar!

E prenunciando a futura união da Religião com a Ciência, diz ainda o Codificador: «Os factos que a ciência demonstra perentoriamente, não podem ser negados por qualquer crença religiosa. A religião ganha autoridade, acompanhando a ciência em todos os seus progressos; tanto quanto a perdeu, caprichando em ficar atrás, ou repelindo as verdades científicas em nome de dogmas, que jamais poderão prevalecer contra as leis naturais, nem principalmente anulá-las». (*REVUE SPIRITE* — 1860—pag. 303).

Facto, aliás, também previsto pelo grande sábio *Frederico Myers*, quando afirmou que — «essas indagações iriam dar lugar, lógica e necessariamente, a uma vasta síntese filosófica e religiosa». (*LE PERSONNALITÉ HUMAINE, SA SURVIVANCE*).

Léon Denis, corrobora esta opinião, quando diz: «A ciência será a análise e a religião virá a ser a síntese, mas ambas acabarão por se penetrar recíprocamente». Porque, muito proficientemente, afirmou *Kardec*—«se a religião recusa caminhar com a ciência, a ciência caminhará sosinha».

Como *Ciência*, o Espiritismo veio reunir em corpo de doutrina o que até ontem andava esparço, explicando em termos próprios, e que era dito em linguagem alegórica e confusa; os factos tidos como os mais absurdos e miraculosos, examinados à luz dos seus esclarecimentos, perderam o seu carácter sobrenatural. Eram meros efeitos resultantes de causas reais, apenas ignoradas. Conhecidas as causas que determinavam tais efeitos, tais fenómenos passaram ao rol das cousas comuns.

E para áqueles que nenhum fenómeno hajam presenciado, ha a sua Filosofia, que explica claramente o que nenhuma outra é capaz de o fazer. Nela encontrarão solução racional para todos os problemas, que no mais alto grau interessam ao futuro da criatura. Ela, sobretudo, infunde calma e confiança, livrando-a do tormento da incerteza.

Portanto, só a Filosofia espírita alarga o círculo dos conhecimentos; dá ao homem noção mais ampla do seu destino, e uma idéia mais clara da vida futura, mostrando que diante da cruz do Calvário, não ha cruz pesada... Explicando a razão de ser da dôr, e fazendo conhecer a sua razão de ser e utilidade providencial, torna a dôr mais amena e mais bella! A Filosofia espírita engrandece a alma!

Essa Filosofia tão amena e sobretudo suavizadora dos sofrimentos terrenos, não podia ser uma criação do homem, mas sim uma revelação divina, trazida ao mundo pelo humilde Filho do Carpinteiro.

A êsse respeito, refere *Carl du Prel*, o seguinte facto, que prova que as filosofias terrenas são impotentes no sentido de explicarem o delicado problema do destino no além túmulo. Diz aquele insigne homem:—«Um amigo meu, professor da Universidade, passou pela dôr de perder a filha, o que lhe reavivou o problema da immortalidade. Dirigiu-se aos colegas, professores de filosofia, esperando achar consolações em suas respostas. Amarga decepção: pedira um pão, ofereciam-lhe u-

ma pedra; procurava uma afirmação, respondiam-lhe com um *talvez*» (do livro «*LA MORT ET L'AU-DELA*»).

E por explicar com clareza a razão de ser das cousas, foi o Espiritismo, muito propriamente denominado *Ciência do Espírito*. Porque através da sua Filosofia, beberá o homem, na hora do cansaço a coragem moral para resistir aos infortúnios e golpes da adversidade, por êle próprio creada. O poderoso aprenderá a cultivar o sentimento de solidariedade; o céptico achará o sentimento da fé; o desanimado recuperará as energias para novas arremetidas e novos empreendimentos para o porvir.

E a sua importância cresce diante da necessidade de evitarmos que aos nossos descendentes não tenham mais significação os sistêmas contraditórios do positivismo de *Augusto Comte*, do naturalismo de *Hegel*, do materialismo de *Cousin*. Já que sabemos que cada sistêma contém somente uma parte da verdade, devemos dar livre curso ao pensamento, para podermos atingir o zení almejado.

Para o bem da humanidade, ha uma educação a realizar, porque nem a Universidade nem a Igreja não deram, e ainda não podem dar. Essa educação é a que a Filosofia espírita, muito propriamente denominada a *Ciência do Espírito*, porque livre e emancipada de qualquer peias ou seja do rotineirismo das escolas, promete dar nas lições sublimes do Espiritismo Codificado.

* * *

Contudo, é justo reconhecer, diz *Léon Denis*, que «as religiões acharam socorros espirituais para as almas aflitas; todavia, as consolações que oferecem, assentam numa concepção demasiadamente acanhada do fim da vida e das leis do destino. As religiões cristãs, principalmente, compreenderam o papel grandioso do sofrimento, mas exageraram-no, desnaturando-lho o sentido». (*PROBLEMA DO SER, DO DESTINO E DA DOR* — pag. 491).

Não se pode negar, pois, que as Religiões contribuíram grandemente no passado para a educação do homem. O êrro de toda Religião, no entanto, tem consistido em encerrar o ensino em dogmas estreitos e irracionais, immobilizando o pensamento.

Dáí o Espiritismo, tornado Religião, transformar-se no refrigerio das almas aflitas, no bálsamo maravilhoso, curador de todos os males, de todas as enfermidades do corpo e da alma! No oasis prodigioso e providencial, onde o viandante exausto do Deserto da Vida, encontra repouso e paz para o seu espírito! E' assim, sem nenhum favor, o Consolador que o Cristo prometera mandar a seu tempo, porque Êle sabia que nem todos na Terra seriam felizes, e quantas consolações tem levado aos corações amargurados esta crença religiosa?! Quantas consciências atribuladas se têm expandido aos raios da beleza espiritual! Quantos espíritos atormetados, têm encontrado nela o refri-

gério para as almas! Quantas lágrimas têm secado ao influxo dos seus postulados! Quantos moribundos têm fechado os olhos beneficiados pelas suas consolações!...

* * *

E chegando ao termo dessas considerações, fica mais uma vez demonstrada a impossibilidade da separação de qualquer dos três aspectos, que integram o Espiritismo, de tal modo estão êles identificados entre sí, sendo êste o nosso principal objetivo ao traçarmos estas linhas.

Nova Iguassú, Junho de 1944.

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Muitas casas existem que são assombradas por espíritos que buscam vingar-se de males sofridos durante a vida.

Quando eu e a Sra. Wickland estivemos no Wisconsin, fizemos uma reunião na casa de uns amigos e a Sra. Wickland foi «tomada» pelo espírito de um homem que disse ter sido assassinado pelo dono de uma pedreira próxima, porém que ainda estava vivo na casa ao lado da pedreira.

O espírito riu perversamente e disse: «Ele me matou, porém estou me vingando. Eu o assombro».

Embora lhe falássemos de uma existência superior, disse que não estava disposto a abandonar o seu intento e, recusando-se a progredir, partiu dali.

Nossos amigos nos contaram, então, que haviam conhecido aquele homem em vida; que dez anos antes a pedreira fora possuída por três sócios, um dos quais, desejando possuí-la sozinho, comprara a parte do segundo, porém o terceiro dono, que morava na casa perto da pedreira, se recusara vender a sua.

Poucos dias após, o terceiro dono foi achado morto e, embora não houvesse prova quanto á identidade do assassino, havia forte suspeita, na vizinhança, de que o primeiro sócio fôra o perpetrante do crime.

Com o decorrer do tempo, o dono da pedreira mostrara estranha relutância em trabalhar nela e certo rumor dizia que ele estava assombrado pelo sócio morto. Tornou-se voz corrente que a casa próxima estava assombrada e quando nossos amigos ali foram, um anos antes, colher cerejas, passaram por estranha experiência.

Depois de colocarem o cavalo na cocheira vazia, viram algumas cerejas no patio e voltaram à procura de uma cesta, quando o cavalo começou a relinchar desesperadamente e a pular de terror.

Paralizados de espanto, nossos amigos ouviram uma gargalhada rouca e, olhando em redor, viram um homem, rangendo os dentes, á porta da casa deserta. Era o sócio que morrera anos antes; conheceram-no em vida e o reconheciam bem. O homem riu e desapareceu e os nossos amigos

correram para a cocheira, tiraram o cavalo e fugiram a toda pressa.

Tínhamos uma série de cartas da Sra. G. G., que morava numa aldeia de Nova York; ela era médium e clarividente e teve a sua casa assombrada por uma falange de espíritos maus. Escreveu-nos que gozava da melhor saúde quando se mudou para aquela casa, mas que breve se viu afligida por estranha indisposição nos braços e nas pernas, a qual os médicos não conseguiam aliviar.

Espíritos que diziam serem seus guias aconselharam-na a que fizesse uma sessão espírita todas as tardes, durante meia hora, dizendo que a ajudariam. Explicaram-lhe que ela estava sendo atormentada pelo espírito da mulher que mandara construir a casa e que se livraria dela se certa amiga comparecesse á próxima sessão.

Essa amiga lá foi e o espírito disse que iria com ela. Quando essa regressou ao seu lar, viu-se tomada pelo mesmo mal com que a Sra. G. G. se vira afligida, quando esta se via boa dele.

Perturbações, porém, de várias espécies continuavam na casa. Até o pomar ficou assombrado e os espíritos disseram que a Sra. G. G. não viveria se permanecesse nela, porque êles matariam quem quer que tentasse morar na casa.

Os G. venderam a casa e se mudaram, sem nada dizer aos compradores acerca de suas estranhas experiências. Os novos donos tomaram posse da casa e a mãe da família, uma senhora idosa, foi para a cama, na primeira noite, aparentemente boa, porém, em breve tempo, gritou que dois homens haviam penetrado em seu quarto e procurado matá-la e, antes do amanhecer, estava mesmo morta.

A Sra. G. G. continuou, todavia, com suas reuniões, mas foi incapaz de libertar-se daquelas influências espirituais e, finalmente, nos escreveu, pedindo auxílio. «Não há ninguém em que possa confiar. Filiei-me à Socie-

dade do Novo Pensamento, pensando em ser ajudada; disseram que me enviaram vibrações, porém não consegui penetrar em sua onda. Ninguém implora mais avidamente por socorro do que eu, que procuro viver corretamente. Digam-me, se podem, como obter alívio.»

Fizemos «concentrações», tanto para aquela senhora como para a casa, e certo número de espíritos foram trazidos de ambas.

Um dêles declarou que não sabia que estava obsedando a Sra. G. G. Outro espírito, de nome Harry Harris, tinha tratado tão brutalmente a própria esposa, que ela o matara a tiros. Como sua vida terminára, não o sabíamos. Êle insistia em não estar morto, porém vivendo numa casa velha, com um grupo de bandidos (espíritos) e que êles matavam quem quer que ousasse morar na casa.

Outra vez, quatro espíritos foram trazidos da casa assombrada: primeiramente, duas mulheres, depois «Pete», que fôra habil batedor de carteiras, e uma mulher de nome «Kate», que havia sido morta por «Pete» e que, desde então, «rondava» o assassino. Para esconder-se, «Pete» estava se ocultando com outros numa casa que lhes pertencia e a ninguém mais. «Matam todo aquele que entra na casa», disse êle, falando por intermédio da Sra. Wickland. E confessou que estivera atormentando a Sra. G. G. «Fiquei com ela para garantir assim o meu canto, disse êle. Enquanto «Pete» estava se manifestando, «Kate» tomava outro médium presente e «Pete» ficára aterrorizado quando ela procurou escapar-se-lhe. Cada um pensava que o outro era um fantasma, sem saber que estavam se manifestando por médiuns. Só depois de algum tempo é que verificaram que tinham morrido. Finalmente, «Pete» ajoelhou-se e pediu perdão à «Kate», seguindo-se a reconciliação e partida de ambas, com a promessa de emendar-se.

Mais tarde, a Sra. G. G. escreveu-nos dizendo que melhorara consideravelmente.

Opiniões e Desafios

LEOPOLDO MACHADO



Espiritismo já não pôde mais sair do cartaz.

E só ele poderia, como coisa séria, desviar, no momento, a atenção de imprensa e povo da guerra e das futilidades...

O rumor em torno do caso sensacional, *Família Humberto de Campos versus obras psicografadas pelo médium Chico Xavier*, é prova mais do que suficiente do que afirmamos.

A questão desborda até, rumurosamente, do Rio para os Estados. E lá se vai ela provocando opiniões e desafios, gerando polêmicas e arrastando figurões de toda casta social a deitar importância pelas colunas de jornais.

Salientemos aqui, ainda que superficialmente, duas opiniões e um desafio que nos pareceram mais «importantes». Uma daqui mesmo e dois dos Estados.

A daqui é do sr. Dr. A. Austregesilo.

Impossível formar-se, aqui, qualquer movimento de opiniões em torno do Espiritismo que s. s. não seja dos primeiros a ser ouvido, a opinar solene e oracularmente. E emprestando a sua opinião a força absoluta das coisas inflexíveis e infalíveis, que nos deixam a impressão de que só nos resta, depois de que êle opina, um caminho: pensar com êle, a dizer naturalmente: «Se s.s. falou, é o que s.s. disse. O mais, tudo errado, tudo tóra da ciência!»

S.s., com aquela autoridade que lhe empresta sua psiquiatria, afirmou em entrevista a O GLOBO «não acreditar que o Espiritismo venha esclarecer a obra literária de Humberto de Campos. Só é verdade o que êle escreveu do próprio punho, tudo o mais é imitação e mistificação». E, sobre o rumor em torno do caso; diz s.s.: «pode satisfazer a opinião pública, mas não se pode acreditar na verdadeira ciência».

Seria interessante que s.s. dissesse de que «verdadeira ciência» teria falado. Da sua psiquiatria, materialista? Mas, essa é insuficientíssima, porque insuficientes são outros ramos mais objetivos da me-

dicina, afirmam celebridades científicas bem maiores do que s.s., como Claude Bernard, Charles Richet, Alexis Carrel.

Imitações e mistificações, o que tem saído da mediunidade do Chico Xavier? Mas, *imitações* geniais e *mistificações* de que o próprio Humberto de Campos não seria capaz. E, para o *imitador* e *mistificador* só haveria um lugar próprio: a *Academia Brasileira de Letras*. E para honra da Academia, onde não sabemos se ha gente que, imitando ou mistificando, fosse capaz de escrever um PAULO E ESTEVÃO... Se é do próprio Chico, na opinião do crítico Guilherme de Figueiredo, a obra que aí está psicografada, obra que o *médium*, «tendo a faculdade de escrever num estilo semelhante ao de algum escritor, ao cair em transe assim o faz», vamos levar, imediatamente, o médium, em *transe* ou não, para a Academia, para honra dos Austregesilos de lá...

Em Belo Horizonte, famoso líder católico, o sr. dr. Oscar Mendes deitou, também, importância pela imprensa dizendo, entre outras «novidades», que «Crookes, o grande cientista inglês, devotou-se anos e anos ao Espiritismo, fez largas experiências à base da chamada fenomenologia mediúnica. Um belo dia, descobriu que tóra vítima de tremenda chantagem da mulher que lhe servia de *médium*. Cobriu-se de ridículo diante do mundo científico britânico e abandonou suas tentativas, etc.»

Onde teria o ilustre líder católico descoberto tudo isso, a respeito do Crookes para o escrever com tanta semcerimônia?

O que sabemos é, exatamente, o contrário. É que o grande William Crookes fora nomeado pela Universidade de Londres para pesquisar os fenômenos psíquicos. Pesquisou-os através de mais de mil experiências que lhe emprestaram, podemos dizê-lo, a laurea de ser o «Allan Kardec» do Espiritismo científico. Mas, a Congregação dos Austregesilos e dos Oscar Mendes da Universidade, acabou expulsando Crookes, só porque o Crookes, assinalou as verdades mediúnicas que estudou. Será a isso que se deve chamar

ridículo? Mas, o ridicularizado não seria o Crookes, mas os que, em nome da ciência, os expulsaram. Tanto assim deve ser que, tendo William Crookes descoberto, depois, a fotografia através dos corpos opacos, fôra instado pela sociedade que o expulsou a regressar a ela. Respondeu que aceitaria o convite, mas sem abjurar, de modo algum, a verdade dos factos espíritas...

Este, pois, o ridículo de Crookes.

Ridículo bem menor, sem dúvida, do que o de acreditar, em pleno século vinte, *magister dixit* de cientistas sem sabedoria, que andam a copiarem-se uns aos outros; de sacerdotes que pregam divindades atravancadas de infernos e penas eternas, milagres e mistérios, dogmas e sobrenaturalidades que repugnam à razão e ao raciocínio!

Em Maceió, é o prof. Lavenère que só acreditaria no Espiritismo se visse um musicista alagoano de seu conhecimento escrever música em sua vista. Esta, a condição que impõe, mais ou menos idêntica à do Malba Taham para acreditar no Espiritismo. Fôra disso, não ha nada mais no Espiritismo que o interesse! E não ha fugir de seu desafio, que o illustre professor manda ler a História, para ver-se «que Deus aceitou desafios e reptos para provar seu poder e convencer incredulos».

Seria interessante que o professor illustre dissesse em que história, ou página do Evangelho, se encontra isso, além da gente ficar desconfiado do poder e da sabedoria de um Deus creador que descesse a aceitar desafios e reptos tolos de suas criaturas. Nós é que não acreditamos, francamente, em tal Deus.

O que sabemos é o contrário, exactamente.

Ao próprio Cristo se pediu provas. E' o que nos diz Mateus (XII-38) «Então, alguns escribas e fariseus tomaram a palavra (tal como os Lavenères de hoje!)

dizendo: Mestre, quizeramos ver da tua parte algum sinal».

Que lhes respondeu o Cristo? «Uma geração má e adúltera pede um sinal...» E não lhes apresentou sinal algum.

Os sinais vêm naturalmente. As provas surgem, quando menos se espera. Mas, quando se fez o suficiente, pedindo e procurando com humildade (pedi, e dar-se-vos-á; procurai e achareis, Jesus), que não a reptos e desafios insensatos, que os espíritos devem ter coisas mais sérias de que cuidar, para não estarem à disposição, como propriedades nossas, ao primeiro chamamento de qualquer espírita, ao primeiro repto de qualquer Lavenère.

E' histórico o desafio de Mussolini a Deus, em meio de um discurso comunista e patético seu: que se Deus existisse, que lhe enviasse um raio para fulminá-lo ali mesmo. Dava-lhe cinco minutos para isso. O raio não veio, para a *deboche* do futuro *duce*. Não veio logo, para vir depois, dez anos dobrados, com a guerra que êle armara, porque fulminadissimo está, hoje, o infeliz *ex-cesar* caricato romano.

Os factos espíritas, que são verdadeiros, vêm a seu lugar e tempo.

De nós, um dos mais convincentes e irretorquíveis que já testemunhamos, devemos, exactamente, a um *médium* de Maceió. Dêsses que o sr. Lavenère chama, *mistificadores*...

Agora, uma pergunta inocente, para terminar:

E que teria o Espiritismo a lucrar com a crença do sr. Lavenère?

Nada, absolutamente, que o Espiritismo não é doutrina que faça, como a Igreja de Roma, questão de maior número de prosélitos, pelo facto de seus prosélitos não terem o direito de viver dele, de explorar, em seu nome, a crença alheia. Não é o Espiritismo que precisa do homem pois ele «vencerá com o homem, sem o homem e apesar do homem».

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Alguns Factos Espiritas tomados ao acaso, ocorridos em diferentes lugares e épocas

De «Constancia» — Por Carlos L. Chiesa

SÓCRATES, MÉDIUM AUDITIVO

Não alimentamos o propósito de fazer uma semelhança de Sócrates nem entrar a fundo em seus princípios, todavia, já que dele tratamos, vamos mencionar, ainda que sumariamente, a alguns destes e outros predicados que adornavam o filósofo.

Antes de tudo, desejamos precisar nosso conceito sobre uma destas condições. Referimo-nos á sua vontade.

Que Sócrates devia estar munido de uma vontade férrea, talvez lavrada pela constância dos exercícios espirituais e pela fé em si mesmo, é cousa que não oferece a menor dúvida, mas não cremos possível que tenha querido demonstrar o que ela vale, para o cumprimento das relações na vida, ou ter-se êle imposto um sacrifício quando permaneceu, em Potinia, de pé e imóvel durante vinte e quatro horas, e, ao despontar do sol, retirou-se sem a menor fadiga física.

Que possuía firmeza de caráter e convicção de seus princípios, demonstra-se fielmente pelo facto de ter êle recusado a fuga que lhe prometiam. Se tivesse fugido teria anulado, a nosso ver, quanto de belo prègou. Morreu, como Jesus, ao pé de seus ensinamentos.

Se êste facto não demonstra o que valia a sua vontade, nem tão pouco um sacrifício, tratava-se então de um extase de caráter mediúnico ou o transporte de sua alma a regiões ignotas? Não podemos affirmar-lo; mas evidente é que algo disso sucedeu, se recordarmos ter êle possuído as faculdades de médium auditivo, se não também a de intuição.

Vejamos o relato deste facto realmente extraordinário.

Narra-o assim Alcibiades em o «Banquete» :

Sócrates, em Potinia, esteve de pé durante toda uma manhã, imóvel

e meditativo. Chegou o meio dia; a população olhava-o surpreendida por vê-lo naquele êxtase desde a manhã. Ao chegar a noite, os soldados jônios armaram allí suas camas para dormir ao relento e verificar se Sócrates passaria a noite na mesma posição. Efetivamente, de pé continuou toda a noite e ao romper a aurora orou ao sol e se retirou.

Outro ponto é o seguinte :

Atribue-se a Sócrates o preceito : *Nosce te ipsum* (Conhece-te a ti mesmo), versão latina da famosa inscrição do templo de Delfos.

O nosso eminente filósofo o sustentou, mas se nos devemos ater a suas próprias palavras, é de origem dèlfica.

Êste preceito levou o Mestre a uma das maiores preocupações de sua vida que era a de penetrar na interpretação de seu eu, que chamou imortal e evolutivo, verdade confirmada pelo ser e surgir dos fenômenos paranormais. Encarnou o princípio com sagrada unção, fazendo-o norma de sua vida, um legado de moralidade e nobreza como se depreende quando recusou a fuga, da qual falámos, e que lhe era oferecida por um amigo, ao qual disse :

«Não vês em que me ocupei toda minha vida? Jamais cometi uma injustiça. Isto constitue, para mim, minha mais bela apologia.»

Se cada homem praticasse, em todas as atividades da vida, as virtudes de Sócrates, outra cousa seria o mundo.

Ouçamos agora as palavras de Sócrates. Meditando certa vez sobre tão belas e profundas questões e «havendo Fedro perguntado o que pensava o filósofo a respeito da explicação que os físicos davam aos mitos religiosos, respondeu : «isto exige mais tempo e sutileza do que eu tenho. Estou ocupado por êste preceito dèlfico : «Conhece-te a ti mesmo,» impossível é sobrar tempo para outras

cousas, ao que com isto se ocupa. Não me preocupo com essas questões e limito-me a crer o que crê a multidão, ocupando-me tão sómente com o estado de minha consciência.»

O preceito délfico consiste nisto: «Conhece o valor científico de teus pensamentos e observarás que a ciência humana é nula; mas que o homem tem a certeza e a verdade das ações morais, como também de tudo quanto se refere á vida.»

Recordemos também que é o seguinte um dos princípios de Sócrates: «Sómente sei uma cousa, e esta é que nada sei.»

Não podia esta frase sair de uma mente que nada soubesse, mas de quem muito sabia, porquanto são estas mentalidades as que sabem que nada sabem, não obstante o muito que sabem.

Sua mente vibrava a perscrutar o ignoto e devia encontrar-se á frente de questões árduas, impenetráveis para seu espírito ávido de saber, compreender a verdade das cousas. Assim é que o filósofo, o mais brilhante dos filósofos, concebeu a frase em questão.

Vamos agora referir-nos á faculdade mediúnica do Mestre.

Não resta a menor dúvida que Sócrates foi médium auditivo. Confirma-o claramente as conversações que, parecendo falar consigo mesmo, sustentava com seu demônio o qual, seguramente, outra cousa não era do que seu espírito guia ou protetor, talvez seu inspirador das grandes questões filosóficas que ventilava, todavia, possível é que estivesse rodeado de uma corte de entidades luminosas, já que é preciso inferir que, dado o caráter elevado de seus princípios, estava em função missionária. Nêstes casos, o além protege a figura que a seu cargo toma a delicada, honrosa e heróica missão de ser portador de novas verdades, mentor da humanidade, e isto sempre se verifica na dureza do sacrifício.

A morte pode ser, nestas funções, uma consequência inevitável, estar dentro da missão a desempenhar; assim morre Sócrates, nêsse cumprimento, como morreu Jesus, e morreram outros mártires e paladinos da verdade.

Que Sócrates tinha consciência de estar em cumprimento de uma missão na vida, o confirma o seguinte. Fala o Mestre por bôca de Platão: Procedo pelo modo que vês para cumprir a ordem que Deus me havia dado pela voz dos oráculos, pela dos sonhos e por todos os outros meios empregados por um poder celeste para comunicar sua vontade a um mortal».

Sócrates não era um alucinado. Hoje podemos afirmar, sem temores, que era médium auditivo. A meude entabolava conversação com seu demônio.

«Sem cessar fala de uma voz divina que êle só ouvia e que o afastava do mal; de um gênio que lhe fazia advertências e que o filósofo aproveitava para si e para os demais. Acreditava num só Deus para toda humanidade, cuja presença via em todas as partes, na Natureza e na alma humana», em orre pela unidade divina.

Diz o ilustre historiador italiano César Cantú, ao referir-se ás audições supranormais de Sócrates: «Outras vezes, passeando com seus amigos, detinha-se a meude dizendo por vezes ter ouvido o seu demônio, o qual com êle se comunicava e que parecia sugerir-lhe o que devia dizer ou recordava alguma cousa à sua memória».

E Cantú chega ás seguintes reflexões: «Reproduzimos a crença destas comunicações entre o homem e os seres superiores que já encontramos no berço da humanidade e que os séculos mais ilustrados não negam, se bem que andem à procura de sua explicação».

Não existe diferença entre a tarefa de Jesus e a do Espiritismo. Ambas se completam porque têm um mesmo objetivo: a demonstração da immortalidade e da necessidade da prática do amor fraterno.

Camargo.

O Espiritismo na opinião dos intelectuais

(Continuação)

Dr. C. PICONE CHIODO

Estão em êrro. Vejamos rapidamente porque.

Hipótese da impostura. — O facto de muitos prestidigitadores imitarem no palco alguns dos fenômenos espíritos e o de vários médiuns terem sido desmascarados (1) podem dar apparencia de justificação à hipótese da impostura. Mas, contra essa opinião, mesmo que se não levem em conta razões já aduzidas, importa se note o seguinte:

1) A fraude, por parte dos médiuns cscreverentes, é inteiramente impossível, quando ele escreve uma comunicação com a mão direita, outra com a esquerda e transmite de viva voz uma terceira e tudo isso ao mesmo tempo. Pòde-se comprovar a sinceridade do médium, tornando-se-lhe impossível qualquer fraude, fazendo-o indicar as letras do alfabeto com as pranchetas, sem que as veja e mudando-lhes a disposição. O sistema do alfabeto oculto foi empregado por muitos experimentadores e até por Charles Richet.

2) Alguns fenômenos são de fácil imitação, outros, porém, são inimitáveis. Para que os prestidigitadores imitem os fenômenos espíritos, de forma a iludirem completamente, precisam preencher duas condições: a primeira é que se tomem com êles todas as precauções que se tomam com os médiuns.

O jôgo do prestidigitador é o que êle próprio preparou: será inútil se lhe peça que faça outro diferente, ou que faça

noutra ocasião, antes ou depois da que êle determinou. Os fenômenos que se obtêm com um médium, ao contrário, são, muito frequentemente, os que se pedem, embora nem sempre assim aconteça, porque a inteligência oculta que os produz possui, de seu lado, vontade própria.

Além disso, o jôgo do prestidigitador é feito no local que êle próprio escolheu, com os objetos que lhe são necessários e diante de um público no meio do qual se acham dissimulados os seus comparsas. Dá o mesmo espetáculo uma ou duas noites. Em seguida, substitue por outro o programa, ou muda de terra, porque, se continuasse a repeti-lo, acabaria desmascarado. Os médiuns, ao envez, são levados para onde o entendam os experimentadores; trabalham em presença de algumas pessoas de toda confiança, depois de examinados a fundo e de amarrados. Livermore e Crookes, como muitos outros, fizeram experiências com o mesmo médium durante anos, sem descobrirem a mais ligeira fraude. A Comissão da Sociedade dialetica de Londres exigiu até que, durante as experiências, os médiuns fossem vigiados precisamente por dois dos melhores prestidigitadores daquela Capital.

Outra condição indispensável aos prestidigitadores para imitarem os fenômenos espíritos, de modo a produzirem ilusão completa, é que operem diante de um público que nunca haja visto os verdadeiros fenômenos espíritos. O prestidigitador Cristiani, que numa sociedade imitara os nós obtidos por Zöllner com o médium Slade, quando soube que aquele cientista, com dois amigos, o procurava, para também verificarem se êle os produzia como Slade, desapareceu de Berlim!

Harry Price, o prestidigitador que se tornou metapsiquista, lembra ironicamente que todos os prestidigitadores, que se vangloriam de reproduzir os fenômenos mediúnicos, até hoje só insucessos têm conseguido.

Maskeline, grande prestidigitador, no famoso processo do fantasma de 1 000 libras esterlinas contra Colley, perdeu o prestigio e o dinheiro. Outro malogro sofreu com o inventor americano Hiram Ma-

(1) O médium Allen foi desmascarado da maneira seguinte: alguns espectadores pintaram de preto os cabelos e quando o fantasma lhes veio puxar, eles acenderam a lâmpada e verificaram que as mãos do médium estavam negras. Com Egtinton os próprios espíritos acharam em seu poder a barba e a musselina que empregava para produzir falsas materializações.

Lodge e outros desmascararam Monck e encontraram no quarto que ele ocupava os apetrechos de que se servia para produzir os seus embustes.

xim. Maskeline teve de se confessar incapaz de imitar os fenômenos. Seu filho perdeu, nas mesmas condições, uma aposta de 100 libras esterlinas e seu neto, igualmente, num desafio do mesmo gênero, desistiu de tentar a experiência, quando se inteirou das condições impostas, idênticas às que se submetia o célebre médium Valiantine.

Poder-se-iam citar outros exemplos, diz H. Pryce, e não se aponta um único caso em que os prestidigitadores tenham alcançado êxito.

Ora, Harry Price, que acaba de proceder com o médium Rudi Schneider a uma série de experiências perfeitamente fiscalizadas, também ofereceu o premio de 1.000 libras esterlinas a qualquer prestidigitador que reproduzisse os fenômenos que habitualmente se obtinham nas sessões daquele médium, sem mesmo exigir coisas de sensação. Ninguém se apresentou. Quando, passados alguns meses, Rudi regressou para a Alemanha, houve alguns tímidos pedidos de informações, mas, apenas indicadas as condições, restabeleceu-se o silêncio.

O que desconcerta os prestidigitadores é o facto de que muitos dos fenômenos mediúnicos se produzem dentro do gabinete, estando fóra d'ele a pessoa do médium, a uns dois metros de distância. Importa notar que um desafio mundial de 1.000 libras esterlinas não teve como resultado senão o desbarato completo dos prestidigitadores que, pelo silêncio, confirmaram que os fenômenos que os médiuns produzem de modo algum entram no quadro da prestidigitação.

3) Seria também necessário admitir que todos os espíritas, sem exceção, fossem tolos e todos cegos. Que ha malícia no mundo, sabem-no êles e não desconhecem tampouco os truques que se empregam para imitar os poderes mediúnicos.

Wallace nos dá disso um belo exemplo, relatando o que aconteceu ao Dr. Sexton que, não se tendo convencido com o que lera nos livros, nem com as experiências, fez muitas conferências contra o Espiritismo, com a impáfia comum aos incrédulos, insistindo na absurdidade e na pouca importância dos fenômenos. Êle assistira a experiências espíritas, mas, considerando-as ilusões produzidas pelo médium, com o auxílio de mecanismos ocultos, entregava-se a investigações para os descobrir. Auxiliado du-

rante algum tempo por um amigo, acabou convertendo-se.

Prosseguindo nas suas investigações por mais de dez anos, seu cepticismo foi gradualmente diminuindo e terminou por fazer conferências contrárias às primeiras. Nas últimas, começava por explicar como se imitam os fenômenos espíritas, que êle próprio também imitava, indicando em seguida as diferenças que ha entre as imitações e os fenômenos reais.

4) Espalhou-se pelo público a opinião de que os fenômenos espíritas são imitáveis; assim, porém, não pensam os prestidigitadores. Jacob, prestidigitador do teatro «Roberto Houdin», de Paris, e Bellachini, prestidigitador da Côrte em Berlim, enviaram declarações ao médium Slade, dizendo que a arte que praticavam não póde reproduzir os fenômenos que o mesmo Slade produzia.

Trollope, citado por Wallace, refere que Bosco, um dos mais habéis prestidigitadores conhecidos, zombava da crença de que os fenômenos que Home produzia se pudessem atribuir aos recursos da sua arte. Assim, pois, no teatro, os prestidigitadores fazem rir o público à custa dos espíritas; mas, fóra do teatro, o publico ri à custa dos prestidigitadores. Aliás, em todos os casos, os factos expostos mostram que, com relação a muitos deles, não é licito se fale em impostura, de modo absoluto.

Finalmente, às imitações feitas por médiuns impostores ou por cépticos, respondem os espíritas, como Hellenbach, que as perucas não provam a inexistência de cabelos, nem as dentaduras postiças que não haja dentes, do mesmo modo que as moédas falsas, as flôres de papel e até as falsas declarações de amor não provam que não existem moédas boas, flôres verdadeiras e verdadeiro amor.

Aquele que, por ter caído nas garras de uma doidivanas, acredite que todas as mulheres são pérfidas, tira uma conclusão falsa! *Ab uno disce omnes* não constitue regra de lógica.

Sem dúvida, é muito verdade que o desmascaramento de um médium prova a possibilidade da impostura por parte dos outros, do mesmo modo que a descoberta de uma peruca dá direito aos calvos de duvidarem da cabeleira dos outros; mas, a ninguem dá o direito de suspeitar de que todas as cabeleiras sejam postiças, a menos se trate de alguém que

nunca tenha visto cabelos verdadeiros. Aquele que comprovou a realidade de um só fenômeno espírita absolutamente autêntico não pôde perder a sua crença, mesmo em face de mil truques.

Pelo que concerne às acusações lançadas contra verdadeiros médiuns — como, por exemplo, Eusapia Paladino — nasceram apenas de uma incompreensão por parte dos experimentadores (conforme foi reconhecido) do que pôde ser determinado pelo automatismo inerente aos estados de transe e à sugestão que os assis-

tentes exercem inconscientemente sobre o médium. Tudo isso foi explicado por Ochorowicz e nada tem que ver com a fraude verdadeira, a que é feita de proposito e premeditadamente por aquele que, baldo de qualidades mediúnicas, quer fazer crer que produz fenômenos espíritas e que acabam sempre por ser desmascarados.

Evidente, pois, se torna que não ha mais porque insistir em refutar a hipótese da impostura.

(Continua).

¶ A Idéia de um Deus Racional ¶

- «A impossibilidade em que me vejo de provar que Deus não existe, revela-me a sua existência». (PASCAL).
- «Os homens imaginam que os deuses nascem, vestem-se e têm corpos e vozes iguais a êles». (Xenofanes já o disse, 600 anos antes de Cristo). Agora, quasi 2.000 anos depois de Cristo, ainda os homens continuam a pensar da mesma forma...
- «Deus é a síntese das aspirações da alma humana». (Cristovam Camargo).

Difícil sinão impossível fazermos uma idéia ainda que imperfeita e aproximada do que seja Deus. Deus em si é indefinível e inexplicável, pois Êle não pôde andar assim tão ao alcance da relatividade em que nos encontramos.

Toda idéia que até agora, católicos e protestantes têm de Deus, é simplesmente absurda, falsa e cheia de fantasias pueris. O Deus bíblico não resiste ao sôpro da mínima análise: Fabricante da terra como único planeta habitado — nêsse caso nós somos mais «inteligentes» do que Êle, pois em pensamento já criamos outros mundos também povoados e superiores a êste que habitamos — criador de astros para ornamento do céu e deleite dos terrestres; que precisou do barro para fazer o homem e da costela deste para criar a mulher; que se sente cansado dêsse trabalho realizado em seis dias ou seis épocas, descansando no sétimo dia; que deixou um deus antagônico do bem — Satanaz — para perder a humanidade que Êle mesmo quer salvar; que desdenha da oferta de Caim, irritando-o; que se arrepende de haver criado o mundo; que mora acima das nuvens, olímpicamente sentado, e, sobretudo, que se encôleriza, que castiga eternamente, guar-

dando ressentimentos, rancores e ódios. Um Deus nessas condições se assemelha a nós, com as nossas imperfeições e que nós mesmos plasmamos à nossa vontade. A necessidade de um fabricante para o que existe, como uma casa nos revela seu construtor, não prova, em absoluto, a existência de Deus. Nêsse caso cairíamos no ridículo e no círculo vicioso, perguntando: Quem fez Deus?

Nós somos ainda imperfeitos e galgamos os primeiros degraus da evolução. Mas com toda essa imperfeição, si estivesse ao nosso alcance, não dariamos nós vista aos cegos, riqueza aos pobres, saúde aos doentes e movimento aos paráliticos? E si Deus podendo fazer não o faz, nós somos «melhores» do que Êle porque o fariamos, caso fôsse possível.

Mas si Êle não o faz, é porque ha «motivos» anteriores à vida atual que constituem a causa da desigualdade social na terra. E' o caso do cego de nascimento, que Jesus explicou: João, IX—1 a 3 — «Nem êle nem os seus pais pecaram».

Quem pecou então? Foi o atual cego em outras encarnações passadas, sofrendo na atual, os reflexos de sua vida pretérita, pois Deus sendo Justiça e Amor, não condenaria um inocente sem causa justificada. No cego de que nos fala o

Evangelho, vemos a manifestação das obras de Deus e da justiça de suas leis, da qual ninguém pôde fugir.

Antes que o leitor pergunte, respondemos: A alma é livre e dessa liberdade é que decorre a sua responsabilidade. Nós somos sempre o reflexo do que fomos. A natureza aí está vigilante e insubornável, zelando pelo cumprimento fiél das leis divinas.

Deus é onisciente, é bom, é justo, é perfeito, é infalível, é infinito e suas leis são eternas, imutáveis e também infinitas.

O Deus bíblico é produto da obra humana que empolga a imaginação sem convencer a razão. E sendo o Criador perfeito e infinito, Deus não pode ser analisado com tanta facilidade, porque a perfeição e o infinito si fossem explicados tão naturalmente, deixariam de ser a perfeição e o infinito absolutos. E si Deus não fosse infinito e perfeito, não seria Deus.

Spinoza, que teve a mais profunda visão de Deus, segundo uma frase de Renan disse que é próprio do homem transferir a Deus seus próprios atributos e imperfeições. Assim fazendo, nós estamos criando um Deus à nossa imagem e semelhança, ao contrário do que afirma a Bíblia. Si fôssemos um triângulo, teríamos de Deus uma idéia triangular; e si fôssemos um círculo, d'Ele teríamos uma noção circular. Os negros africanos não podem acreditar que exista um Deus branco... para êles.

E' ainda Spinoza — que foi excomungado por apontar as contradições bíblicas — quem nos auxilia, dizendo que tudo no universo se move mecânica e matematicamente; com excepção de Deus e da alma.

Qual é a idéia, então, que devemos fazer de Deus? Deus, (em latim), segundo o grego, Zeus e no sânscrito Di, significa Céu! Daí a idéia errônea de um Deus habitando sôbre as nuvens, criando-se frases como esta: «o céu te proteja». E os trovões seriam prenúncios da cólera divina, como os raios a manifestação de seu poder e as doenças o castigo para os filhos relapsos...

Hoje, que todos êsses fenômenos estão explicados cientificamente, podemos afirmar que a idéia de Deus não surge do mêdo, conforme a afirmação de Lucrecio na antiguidade, e sim da esperança que alimenta o ideal da vida.

Foi a ignorância quem criou um Deus imperfeito como nós. A história antiga está cheia de práticas e superstições, algumas ainda em vóga, oriundas da falsa idéia de Deus. Uns criam no céu como Deus — Urano; outros, na lua — Silena; outros, na terra — Gêa; outros no mar — Poseidon ou mitologicamente, Netuno. Idéias pagãs aguardando as cristãs.

Os obstáculos que impedem a compreensão de um Deus único, eterno, causa primária de tudo quanto existe, são os preconceitos, o orgulho, a sensualidade e a propensão politeista do povo favorecida com criações multiforme de «santos» e a diversidade de nomes de Maria como «mãe» da humanidade.

Já é conhecida a afirmação: «pouca ciência leva ao ateísmo, muita ciência conduz a Deus.» Descartes, repetindo o que Anaxágoras já havia dito ha 2.000 anos, dizia: Tudo é mecânico, maquina em movimento. Fora do mundo, Deus e dentro do corpo, a alma.

Platão, discípulo de Sócrates, acreditava num único Deus que castigava os máus com infernos eternos. Aristóteles, comparando Deus com o rei inglês que reina mas não governa, afirmava: Deus não criou mas move o mundo como o objeto amado móve aquele que o ama. Deus é pura energia.

Bacon, disse que o Creador deu almas iguais a todos no mundo, mas insaciáveis mesmo com um mundo; morto, Bacon legou sua alma a Deus e seu corpo à terra.

Spinoza, que não acreditava na Bíblia porque êle pretendia impelir os homens ineducados à devoção, e que porisso o seu objetivo era empolgar a imaginação sem convencer à razão, cria entretanto, num Deus justo e criticava os homens que eram propensos a acreditar que em benefício deles Deus quebrava a ordem natural das coisas, revogando suas próprias leis.

Kant é da mesma opinião quando diz que a oração é inútil, si o seu intuito for a alteração das leis naturais que governam as coisas.

Spinoza continua a nos dar uma idéia de Deus, dizendo: Tudo está em Deus; tudo vive em Deus; tudo move-se em Deus. A vontade de Deus é a soma de todas as causas e leis. O intellecto de Deus é a soma de todo o espírito.

Voltaire teve a idéia de um Deus

que premiava a virtude e castigava os maus, sem crueldades. Bradava-lhe o maometano: Ai de vós si não fordes em peregrinação até Méca. Dizia-lhe o padre: sereis maldito si não fordes em romaria à Notre Dame de Lorete. O teista zombava de Meca e de Lorete, mas socorre o indigente e patrocina o oprimido. E não está isso de acordo com a parábola do bom samaritano, Lucas,—X 25, onde Jesus elogia o procedimento do samaritano embora proscrito, e reprova o do sacerdote e o do levita?

Kant, por sua vez, não pode crer num Deus regedor do céu, que por meio de lisonjas, distribue as mercês aos homens. Do mesmo modo não podemos dar crédito a certas práticas misteriosas empregadas pelos sacerdotes, como a missa, por exemplo, constituindo intermediários entre Deus e os homens, afim de acalmar a justiça desse mesmo Deus.

Na Bíblia ha muito joio e é preciso cuidado para separá-lo do trigo, porque a letra mata e o espírito vivifica, disse Jesus. Muita coisa do Evangelho mesmo, já era conhecida do povo anterior a Cristo: Hiller, avô de Gamaliel que foi mestre de Paulo, já dizia: «Não julgueis o vosso vizinho sem que vos ponhais em seu lugar. Minha humildade é minha exaltação e minha exaltação é minha humildade. Não façais aos outros o que não quereis que vos façam; aquí está toda a lei, o resto se resume em comentários.

Confúcio, cinco séculos antes de Cristo, já ensinava que não devíamos fazer aos outros o que não queremos que a nós seja feito, e Lao-Tse mandava amarmos os nossos inimigos.

Shopenhauer foi um pessimista da vida, julgando que a criança nascia por castigo. Não iremos a êsse extremo, pois sabemos que o nascimento é uma necessidade. Spencer disse que nada existe sem começo e sem causa. Uma vez que o mundo existe, devia ter começo e êsse começo, uma causa. Entretanto não chegou a afirmar a existência de Deus, «cujas oferendas dos devotos O apaziguavam...»

Bergson pensa que ação, liberdade e vida são sinônimos de Deus.

Santayana, a-pesar-de ter o seu quarto ornamentado com quadros da Virgem e santos, dizia que Deus era a própria natureza e só o ideal era imortal.

Will Durant faz a crítica dos filósofos materialistas, dizendo: Um filósofo

materialista é como um museu, um mostruário de coisas mortas.

W. James acha que o homem aceita ou regeita filosofias de acordo com as necessidades e temperamentos, e não de acôrdo com a verdade objetiva. Não indaga si é lógico, e sim o que a prática dessa filosofia significa para a sua vida e para o seu interêsse. Argumentos prós e contra servirão para iluminar, mas não para convencer. Eis porque lógica e sermão não convencem ninguém.

Então o que é que prova a existência de Deus? Tudo que existe no mundo atesta a existência de um ser superior e orientador de todas as coisas. A origem da formação dos mundos que gravitam no espaço em torno do rei dos astros; a razão das existências; o destino da alma humana; a origem da constituição da matéria; e as próprias interrogações que ficam sem respostas si não apegarmos à idéia de um Deus criador: — Si toda célula provém de outra célula, de onde veio a primitiva? Si a terra em seu estado ainda em formação era ignea, donde partiu a origem da vida impossível de se desenvolver numa elevadissima temperatura? Onde a fonte da vida? Quem deu o impulso inicial à nebulosa originária? Si a hipótese giratória é verdadeira, como se explica que satélites de Urano e Netuno giram em sentido inverso?

Tudo isso constitue a grande incógnita que debalde os sábios procuram resolver. São problemas por demais complexos cuja profundidade esmaga a presunção do homem. Na nossa relatividade, é natural que continuemos a ignorar muita coisa, pois a terra é um planeta intermediário e não superior.

Poincaré, com toda a sua autoridade, já afirmou que a harmonia do Universo não pode ser obra do acaso. Em tudo sentimos a presença de uma inteligência vigilante e diretora.

Que digam os sábios dos observatórios astronômicos que realizam suas hipóteses matematicamente certas, tal é a ordem que se observa no conjunto de sistema planetário:

«Sentimos, por trás dos nossos destinos, uma inteligência que não é a nossa, a dirigí-los com mão segura; a qual chamamos Natureza, Supremo Artífice, o Absoluto, Deus!»

Deus existe na voz do nosso íntimo, no âmago da nossa consciência, que

nos acusam quando desrespeitamos as leis que regem o mundo. O próprio ateu tem primeiro de acreditar na Sua existência para depois regeitá-LO.

Só os ignorantes da grandeza universal, não podem crer em Deus. O ateu diante da natureza é como o analfabeto diante da escrita: não sabem tirar das letras a vida que elas encerram.

«Deus é pois uma inteligência suprema reguladora do Universo, de uma inflexível lógica de leis imutáveis que guiam, no infinito, inúmeros planetas e sóis, obedecendo regras invariáveis, cuja harmonia é simplesmente grandiosa. Os milhões de mundos que rolam no éter, que emaranham suas órbitas com regularidades tão precisas», não requerem uma força oculta diretriz? (Delane).

Todas as forças, continua Delane, designadas sob o nome de Deus, alma, vontade diretriz, têm uma existencial real fóra da matéria e esta é o instrumento passivo sobre o qual se exercem. A força é imaterial. Uma força, o pensamento; uma matéria, o cérebro».

Deus paira muito além de nosso alcance, e como não podemos amá-LO (e nem ofendê-LO) diretamente, o nosso amor será sempre indireto: amando o nosso próximo e a própria natureza, deslumbrando-nos com as maravilhas que nos cercam. Assim os poetas e os artistas amam a Deus na sua obra, e nós procuramos adora-LO em Espírito e Verdade.

Por isso é que os artistas são chamados os filhos prediletos de Deus, pelos espíritos adiantados.

Nietzche só compreendia Deus quando caminhava ao lado de Wagner; S. Tomaz dizia que tudo no mundo nos fala de Deus que é a vitalidade criadora de tudo quanto existe, ao passo que Hegel comparava Deus ao desenvolvimento e progresso; para Aristóteles, Deus era o impulso para a perfeição.

«Ninguém ainda viu Deus», João, 1-

18, todavia podemos senti-LO na fragância que trespasa do perfume de uma flôr; notá-LO na inocência que se desprende do frescor de um sorriso de criança; escutá-LO através das vibrações inteligíveis que escapam dos sons de nossas vozes; vê-LO nas irradiações que partem das luzes solares que nos aquecem, deslumbram os nossos olhos e fecundam a vegetação; admirá-LO nos matizes policrômicos das paizagens que o artista leva em côres para a tela; reconhecê-LO no parnaso de um poeta, na inspiração de um músico ou na inteligência de todos os sábios.

Deus é grande como o infinito; profundo como a imensidade dos oceanos; poderoso como a força do raio. Deus existe na alma do artista. Rubens, Miguel Angelo, Murilo, Wagner, Gounot, Schubert, De Vinci, Rafael, Corregio, Velasques, Litz, Rembrant, Chopin, sentiram mais de perto, a benèfica influência divina.

Como êles amaram a Deus na natureza e nas vibrações do espírito, amemos ao nosso próximo para amarmos a Deus, porque Deus é AMOR!

E agora podemos definir Deus, junto com Buda Somona Gutâna que o revelou em seu leito de morte:

«O próprio Deus não é sinão o princípio motor, a força oculta espalhada nos seres, a soma de suas leis e propriedades, o princípio animador, em uma palavra, a alma do Universo, que se apresenta ao espírito humano como um «ENIGMA INSOLÚVEL».

Fechemos este capítulo com dois tercetos de Estefania C. Rocha:

«Quem és Tú, grande Sêr — Doçura imarcessível!
Quem pôde definir-Te em prosa, rima ou verso,
Soberano Poder. Beleza indiscutível?!

Imortal Onisciente em toda parte imerso,
Quem és Tú, doce Amor, Fôrça eterna invencível?
—Tu és o Coração Imenso do Universo!.. »

Prof. Adauto de Oliveira Serra.

A lei das existências sucessivas nos é ensinada pelos Espíritos instruídos. O testemunho de milhares de almas que se comunicam, vem trazer a esta crença a autoridade da experiência diária, porque todos nos dizem que vêm os êrros de suas vidas passadas, que sofrem por isso, e que procuram voltar á terra para reparar as faltas anteriormente cometidas.

G. Delanne.

Crônica Estrangeira

Salvo por aviso espiritual

«*Revista de Estudos Psicicos*» (Valparaíso, Chile) publicou o seguinte, relatado por um correspondente:

«Eu fui aos E. E. U. U., para adquirir diversas máquinas agrícolas. De volta parei em Quiwille, onde adquiri passagem no vapor *Cartel*. Eu deveria desembarcar em Viexburgo, não longe de minha residência. Apenas a bordo, plenamente conciente, ouvi de súbito, murmurar ao ouvido: «Antes do fim da viagem, a caldeira explodirá; haverá naufrágio.» O aviso fora-me dado em tom imperativo, e fortemente me impressionou. Ora, minha cabine achava-se próxima das máquinas. Resolvi falar ao capitão para lhe pedir outra cabine. Intrigado por minha insistência, êle quis saber a razão do pedido. Não ousei confessar a verdadeira causa de minha resolução. Por fim, êle acedeu ao meu pedido e fui instalado em outra cabine. No mesmo barco viajava um amigo, o senador Gibson, da Louiziane. Eu lhe revelei a causa da minha deliberação e convidei-o a imitar-me. Êle acreditou que eu fora vítima de uma *alucinação auditiva*. De facto, nada poderia justificar o aviso anônimo e misterioso. Dificilmente eu creria nos espíritos, mas nessa circunstância, senti-me constrangido e forçado por uma vontade superior à minha. O dia passou sem incidente. Veio a noite, plácida e serena. A's duas horas da madrugada, — estávamos então a pouca distância de Menfis, — eis uma formidável explosão. Uma parte do tabique da cabine cai sôbre mim. Eu sou envolvido por uma densa nuvem de fumo.

Escapo como posso, oriento-me, chego junto a uma chalupa que vão lançar ao mar, a tribordo. Pouco tempo depois, saltávamos na praia. O navio se incendiara. Voltando para procurar alguns passageiros, tive a felicidade de salvar o senador Gibson. Assim foram recolhidas trinta pessoas dos 180 passageiros. A máquina efetivamente saltara. A *proteção* que me conservava a vida convenceu-me da intervenção dos sêres do outro mundo na vida dos homens.»

*

História de uma Fotografia Espírita

Light — Pelo Dr. E. H. Worth

Eis o caso descrito por conhecido espiritista e publicado na *Forthnightly Review* e subordinado ao título: «Os Mortos voltam?» Êle expõe diversas experiências pessoais, e, entre outras, relata como certa vez foi visitar um fotógrafo que possuía o insólito poder de enxergar os espíritos, e em cujas mãos mesmo a chapa fotográfica podia ser impressa por uma sombra impalpável de outro mundo. «Apenas tomei assento», escreve o relator, disse o velho fotógrafo: «Há poucos dias tive grande medo. Um velho boer entrou no atelier empunhando uma carabina. Eu, muito assustado, disse-lhe: «Retirai-vos. Não suporto armas de fogo». E êle desapareceu. Agora está aqui de novo. Êle entrou em vossa companhia. Nêste momento não está armado, e já não parece tão feroz. Devemos deixá-lo ficar aqui? «Certamente», repliquei eu. «Pensais que podemos obter o seu retrato?» «Não sei», respondeu o fotógrafo, «posso tentar».

O relator tomou assento diante do aparelho, e foi feita a exposição. Antes de remover a chapa, o fotógrafo, para satisfazer minha curiosidade, pediu o nome do espírito, isto é, o fotógrafo fez a pergunta mentalmente e parecia esperar a resposta. Em seguida disse: «Êle diz ser Piet Botha o seu nome». O relator prossegue: «Quando êle revelou a chapa, appareceu um homem alto, espadaudo, cabeludo, que tanto podia ser boer como moujik. Eu guardei silêncio e esperei até terminar a guerra. Quando o General Botha voltou à Londres, mandei-lhe a fotografia por intermédio de Mr. Fisher, então ministro do Estado de Orange. Pouco depois, recebia a visita de um cavalheiro de nome Wessels, que desejava conhecer todos os detalhes a respeito da origem da foto, e não pode esconder sua incredulidade ao ouvir o modo por que havíamos obtido o retrato. «Bem», repliquei eu, «eu vos disse como o obtivemos e podeis pensar de outro modo. Mas porque essa vos-

sa excitação?» «Porque», disse Mr. Wes-sels, «êsse homem era meu parente próximo. Possuo o seu retrato em minha casa». «Trata-se realmente de um falecido?» perguntei. «Êle foi o primeiro comandante boer morto no cêrco de Kimberley». «Qual era o seu nome?» «Pietrus Johannes Botha», respondeu, «mas, resumidamente, êle sempre se chamava Piet Botha».

Termina o relator: «Ainda estou de posse do retrato. Êste foi subseqüentemente identificado por duas pessoas proeminentes do Estado de Orange, que de perto conheceram Piet Botha. E' êste um caso inexplicável pela telepatia. E insub-sistente é qualquer hipótese de mistificação. Foi puro acaso o ter eu pedido ao fotógrafo tentar obter o nome do espírito. Nenhum habitante da Inglaterra, tanto quanto me é dado saber, conhecia a existência de Piet Botha».



Exteriorização do Duplo Etéreo

«La Revue Spirite»

A observação dos duplos etéreos têm sido frequentes em todos os séculos.

O filósofo Jeronimo Cardan, de Pávia (1501 a 1576) que, a partir de seu 55.º ano, podia à vontade entrar em êxtase, assim nos descreve essa exteriorização psíquica:

«Quando entro em extase tenho junto ao coração uma sensação que a alma se destaca do corpo e essa separação se produz em seguida por todo o corpo, sobretudo cabeça e cérebro. Depois disso, já não tenho noção de sensação alguma, excepto a de me sentir fóra do corpo». — Durante o êxtase êle não mais sentia a gota de que tanto sofria no estado normal, porque toda sua sensibilidade estava exteriorizada.

Alfredo de Musset via, por vezes, sentar-se a seu lado um homem que «com êle se parecia como um irmão.»

George Sand afirma ter tido diversas vezes a alucinação visual e auditiva de seu duplo.

Guy de Maupassant, no começo da paralisia geral, a que deveria succumbir, via com terror um duplo dele mesmo sentado à mesa, e esta alucinação forneceu-lhe a inspiração para escrever *O Horla*.

As manifestações dos duplos coin-

cindem com diversos estados psíquicos anormais.

Essas realidades autênticas são numerosas e todos conhecem exemplos célebres, dentre os quais os mais populares são a aparição do bispo Alphonse de Lignore, assistindo aos últimos momentos do papa Clemente XIV em seu leito de morte (1774), enquanto que seu corpo estava adormecido em seu convento do reino de Napoles. O exemplo mais recente é o da jovem professora do pensionato de Neuwelcke, em Livonia, Mlle. Sagée, que se desdobrava ante os olhares estupefatos de 42 pensionistas.

Mas vejamos um facto publicado por *Light* e reproduzido por Aksakof em *Animismo e Espiritismo*. Diz o narrador:

«Eu mantinha excelentes relações de amizade com Miss Jackson e sua mãe... O facto que elas me relataram foi confirmado por uma das duas domésticas, não me sendo possível encontrar a outra.

«Miss Jackson assiduamente visitava os pobres. Ora, certo dia em que se dirigia ao seu domicílio, em seguida a uma jornada caridosa, ela sentiu-se fatigada e indisposta em consequência do frio, e sentiu o desejo de ir, quando em sua casa, aquecer-se ao fogão, na cozinha. No momento preciso que correspondia ao em que esta idéia lhe passava pelo espírito, duas empregadas ocupadas na cozinha viram girar a maçaneta da porta, abrir-se esta e dar passagem a Miss Jackson. Esta se aproximou do fogo e aquecia as mãos. A atenção das domésticas foi despertado pelas luvas de pele de cabrito, de côr verde, que cobriam suas mãos. Subitamente, ela desapareceu ante seus olhares. Estupefata, elas foram relatar a aventura à mãe de Miss Jackson, sem omitir o detalhe das luvas.

Esta senhora sentiu-se um pouco apreensiva, mas tentou tranquilizar as empregadas, dizendo que sua filha jamais possuiria luvas verdes, e que, por consequência, a visão não podia passar de uma ilusão.

Meia hora depois, Miss Jackson entrava em casa; foi diretamente à cozinha e aqueceu-se diante do fogo: *nas mãos ela trazia luvas verdes, por não ter encontrado as pretas.*

Uma enquête extremamente severa confirmou a exatidão do facto aqui relatado.



O Renascimento da Ciência

«La Ricerca Psichica» transcreveu de *Risanamento Médico* o artigo que abaixo reproduzimos em resumo:

«De alguns anos a esta parte, nota-se, no campo científico, uma tendência para renunciar a profissão do materialismo em si e por si. Queremos com isto dizer que não se trata somente de uma imagem diversa dada a ciência, mas sobretudo de uma atitude diversa dos homens que a cultuam.

Em um período histórico não distante, e durante alguns anos após a guerra, nasceu, existiu e declinou um andago moral-científico que tinha por fundamento o materialismo, não aplicado no sentido racional, objetivando a investigação, mas como preconceito fundado sobre a persuasão de haver demonstrado, mediante o «progresso» científico, a inexistência de Deus.

Essa estúpida soberba humana, que acreditava tudo saber, julgava honroso o método e quasi um dever social o dizer: «analisámos todas as coisas, quer na matéria bruta quer no sêr humano; mas a alma jamais a encontrámos. E em virtude de não existir a alma, declarava-se derrotado o espiritualismo e com êle todo o conceito superhumano. E isto em nome da matéria triunfante que proclamava poder a química resolver todos os problemas da biologia, e que o afastar-se da matéria significava ir de encontro ao caos, da irrealdade.

Foi, em verdade, um terrível dia êsse em que os pontífices da ciência materialista despertaram de seu sonho aprendendo—com algumas preocupações relativamente ao que tocava a consequências

remotas—que a *matéria* não existe e que tudo o que denominamos a «criação» é o resultado de forças invariáveis que assumem, para os nossos sentidos, as aparências de qualquer coisa sólida, indistritível, «material».

Adeus, tese materialista!

E—o que é pior—a falência dos homens derivava precisamente duma conquista material da ciência... materialista. Porque—paralelamente à concepção energética do átomo—vinha antes o outro obstáculo ao pretense materialismo, em consequência do qual se pôde pôr em cena uma «fé» anti-religiosa; pôde-se transmitir a energia, sob vários aspectos, à distância, sem necessidade de um meio de condução.

Quando a energia induzida, à distância, começou a dar manifestações materiais, como o rádio, então o valor da matéria começou a declinar em favor da energia, cujas ações se elevavam.

Mas surgiu outro conceito a demoler os pressupostos *absolutos* do materialismo. Se é verdade que a matéria não se cria nem se destrói, verdade também é que o mesmo acontece com a energia, transforma-se. E então um ato humano, mesmo o mais modesto se perpetua ao infinito, viajando através dos espaços celestes. E o cientista místico Flammarion assim nos descreve o fenômeno: «Um sêr pensante é dotado de sensibilidade particular, se êle percorrer o espaço em qualquer direção, conservando por trás de si a superfície terrestre, da qual se afasta (se a velocidade com que tal sêr se move for maior que a da luz), verá desenrolarem-se os acontecimentos terrestres ao contrário, para o passado, como uma fita cinematográfica que começa a desenrolar-se aversamente (às avessas).

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr.\$ 40,00	Do 4.º ano Cr.\$ 40,00	Do 5.º ano Cr.\$ 40,00
Do 6.º ano . . 40,00	Do 7.º ano . . 40,00	Do 8.º ano . . 40,00
Do 10.º ano . . 40,00	Do 11.º ano . . 50,00	Do 12.º ano . . 50,00
Do 13.º ano . . 50,00	Do 14.º ano . . 50,00	Do 15.º ano . . 50,00
Do 16.º ano . . 50,00	Do 17.º ano . . 50,00	Do 18.º ano . . 50,00

ESPIRITISMO NO BRASIL

A Questão Humberto de Campos -- Chico Xavier

A Monumental Defesa Apresentada pela Federação Espírita Brasileira

O Petitório é ilícito e juridicamente impossível; a petição inicial é inepta; a ação declaratória é imprópria—tais são as preliminares levantadas e brilhantemente sustentadas pelo provento advogado DR. MIGUEL TIMPONI

Pedida a absolvição da instância

A Federação Espírita Brasileira já deu entrada em juízo da sua contestação ao pedido formulado na ação declaratória movida pela espôsa do falecido escritor Humberto de Campos.

A contestação apresentada que contém nada menos de 204 páginas datilografadas, é, na verdade, um trabalho portentoso, excepcional peça jurídica que honra o seu autor como jurista emérito, possuidor de uma profunda cultura e de uma vasta erudição.

O Dr. Miguel Timponi que é o advogado da Federação tendo como seus imediatos auxiliares os Drs. Nelson Martins Paixão e Francisco Nogueira, demonstrou exuberantemente nas suas alegações jurídicas um perfeito conhecimento da causa que lhe fôra, em boa hora, confiada, e isto porque a estudou com especial atenção sob todos os aspectos que ela comportava, sustentando brilhantemente três preliminares que, se conhecidas pelo honrado julgador, lhe garantirão a pretendida absolvição da instância.

A sustentação dessas preliminares de tal forma está apoiada na autoridade dos mestres e de tal maneira se acha exposta na cerrada e irrespondível argumentação, que dificilmente, assim o supomos, poderá o M. M. Dr. Juiz julgador da causa, deixar de aceitá-las.

Na impossibilidade de dar a conhecer aos nossos leitores o inteiro teor dessa magistral peça jurídica, pe-

la sua extensão e carência de espaço, o que, sem dúvida, será oportunamente feito em memoriais a serem distribuídos pela Federação, vamos dar um ligeiro resumo do que pudemos colher da rápida leitura dos autos que fizemos, em cartório, para satisfazer a natural ansiedade em que se encontram os nossos leitores.

Inicialmente, articula o provento patrono da Federação a impossibilidade de poderem os nossos tribunais derimir a contenda ajuizada, em face do que estatue a nossa Constituição. Assim inicia êle a sua formidável contestação :

*

«Pede a inicial que o Poder Judiciário declare por sentença se É ou NÃO do Espírito de Humberto de Campos a obra literária que menciona, o que vale dizer, — que declare por sentença a sobrevivência ou não do espírito e a possibilidade ou impossibilidade da sua comunicação com os vivos.

«Ora, a tese da sobrevivência do espírito constitue precisamente a velha controvérsia que divide as doutrinas religiosas, as escolas filosóficas e as correntes científicas.

«Como poderão os nossos Tribunais dirimir uma contenda dessa natureza? Afirmar ou negar a sobrevivência do espírito seria, em última análise, decretar a oficialização de um princípio religioso, filosófico ou científico.

«Seria isso possível?

«Não — respondem os estatutos políticos de todas as nações cultas do mundo. Não, é o que confirma a nossa Constituição, que garante a liberdade de crença e de culto religioso (Const. art. 122, § 4)».

*

Como se vê, os RR. opõem à pretensão da A. o princípio Constitucional. Invocando o art. 122 da Constituição Federal evitam, assim, o pronunciamento da Justiça sobre a pal-

pitante questão que é o reconhecimento legal da mediunidade.

Juridicamente tem inteira procedência o fundamento invocado.

A IMPOSSIBILIDADE DA PROVA

Passa em seguida o ilustre advogado a sustentar a impossibilidade da prova requerida.

Estuda detidamente o fenômeno mediúnico em todos os seus aspectos, as condições personalíssimas dos médiums e o meio ambiente necessário à manifestação dos fenômenos.

Para ilustrar a sua irresponsável argumentação, cita trechos de Kardec, Richet, Henri Regnault, Thomson Jay Hudson, Laponi, Gustavo Geley, E. Bozzano, Leon Denis e outros, para mostrar a impossibilidade da prova nos termos e condições requeridos na inicial da Autora.

Mas, para que não pareça aos mais exigentes que a Federação está se esquivando à ação judicial com receio do julgamento final, assim inseriu ela na sua defeza esta salutar advertência:

«É necessário que fique claramente consignado que a Federação não está lançando mão de uma alegação «ad causam», de um artil ou de uma evasiva para furtar-se à realização da perícia. Ao contrário, é um dever moral apoiar qualquer investigação ampla, metódica, severa e rigorosa, em que sejam observadas todas as condições inerentes à produção do fenômeno e sem os atropêlos dos prazos processuais. Lamenta, por isso, que não se tenha tentado fazer essa ampla investigação, como as determinadas pelas Sociedades de Pesquisas de Londres e dos Estados Unidos e de que resultaram conclusões e testemunhos inestimáveis».

Após essa ressalva da sua atitude no processo a que responde, conclue o douto advogado da Federação, levantando as três seguintes Preliminares magistralmente sustentadas:

a) o petitório é ilícito e juridicamente impossível;

b) a petição inicial é inepta;

c) a ação declaratória é imprópria.

E a seguir entra no mérito da questão, desenvolvendo uma assombrosa argumentação doutrinária, jurídica, filosófica, científica e literária que se estende nas doze páginas datilografadas, num estilo impecável, como, aliás, sóe acontecer, em todos os trabalhos do acatado e culto advogado.

E conclue nêstes termos:

«38 — Resulta de tudo isso que vem exposto, que procede, à evidência, a preliminar levantada de que ao Poder Judiciário não cabe pronunciar-se em contendas que vizem discutir os fundamentos das religiões, as razões da crença, as questões de fôro íntimo, os princípios filosóficos e científicos.

O prestígio da Justiça brasileira há de ser mantido no conceito dos povos cultos do mundo — com o encerramento dêste processo pela absolvição dos RR. da instância.

É obvia a razão. Qualquer que fosse o pronunciamento judicial sôbre o mérito da causa, nos termos em que foi feito o pedido, declarando um facto positivo ou negativo, estaria a justiça comprometida a julgar para o futuro todas as questões dessa natureza, violentando a liberdade de consciência e tornando-se instrumento odioso de lutas e disputas religiosas, e fonte perene de tormentosas descrenças.

Basta de dissensões, de litígios e desharmonias! Basta de sofrimentos e de horrores!

O mundo geme ainda sob os destroços e as ruínas de uma guerra gigantesca.

A humanidade angustiosa anseia pela pacificação dos espíritos, farta de tantos desequilíbrios e de tantas injustiças.

Que no Brasil cada cidadão, tranquilo e seguro no aconchego do seu lar, possa adorar a Deus a seu modo, segundo a sua fé e a sua crença, cooperando para a grandeza da sua Pátria e para a paz da humanidade, no exercício honesto do seu labor colidiano.

«Nos dias de provação, como nas horas de venturas, estejamos irmanados numa doce aliança de fraternidade e paz indestrutível, dentro

da qual deveremos esperar as clari-
dades do futuro... Não nos compete
estacionar, em nenhuma circunstância
e sim, marchar, sempre, com a edu-
cação e com a fé realizadora ao en-
contro do Brasil, na sua admirável
espiritualidade e na sua grandeza im-
perecível...»

Sursum corda!

39 — Nessas condições,

EM RESUMO

Pedem os RR., preliminarmente,
absolvição de instância sob o triplice
fundamento:

a) — o petitório é ilícito e jurí-
dicamente impossível (art. 201, n.º
III, do Cód. do Proc. Civil);

b) — a petição inicial é inepta
(arts. 160 e 201, n.º VI do Cód. do
Proc. Civil);

c) — a ação declaratória é im-
própria (art. 2.º, § único do Cód.
de Proc. Civil).

Caso, entretanto, na sua alta sa-
bedoria, assim não houver por bem
o ilustrado julgador, pedem, então, os
RR. que seja julgada improcedente a
ação (se a condicionalidade do pe-
dido o permitir...) para:

Na hipótese afirmativa do item
6.º da petição inicial, ser declarado:

a) — que perante a lei civil, o
autor da produção mediúnica é o
único capaz de autorizar a sua di-
vulgação;

b) — que os herdeiros somente
poderão exercer direitos autorais
sobre as obras, publicadas ou iné-
ditas, que constituíam o patrimônio
de Humberto de Campos ao tem-
po de sua morte;

c) — que os RR., consequente-
mente, não estão sujeitos às san-
ções legais relativas à ofensa aos
direitos autorais.

Na hipótese negativa (trata-se
meramente da consulta da petição ini-
cial), ser declarado:

a) — que os RR. não são passí-
veis da sanção prevista nos arts.
185 e 196 do Cód. Penal;

b) — que a designação «Espírito
de Humberto de Campos», nas o-
bras mediúnicas, não é defenso
por lei, eis que não compromete o
nome do escritor e não prejudica
o patrimônio dos seus herdeiros;

c) — que, em conclusão, não
tendo os RR. causado dano, a ne-
nhuma reparação estão sujeitos.

P. C. e R. de

JUSTIÇA

Protestam os RR. por todo gê-
nero de provas admitidas nas leis
civis e comerciais, especialmente
cartas precatórias, depoimento pes-
soal da autora, documentos e tes-
temunhas.

Rio de Janeiro, 8 de Agosto de
1944».

(Ass.) — Miguel Timponi — adv.
inscrição 346.

P. p. Nelson Martins Paixão —
adv. inscrição 3.782.

Francisco Nogueira — adv. ins-
crição 94».

Só nos resta, agora, aguardar a
decisão judiciária, e esta, a nosso ver,
não será outra dada a defeza apre-
sentada, que a absolvição da instân-
cia nos termos das preliminares sus-
tentadas.

Se tal se der teremos que aguar-
dar uma nova oportunidade para a
Justiça se manifestar se a mediunida-
de existe ou se é uma mistificação
bem urdida.

De «Mundo Espírita», de 19/8/44.

JULGADA POR SENTENÇA A AÇÃO DECLARATÓRIA

Acaba de ter o seu esperado desfe-
cho a primeira fase do rumoroso proces-
so movido pela viuva do consagrado es-
critor Humberto de Campos contra a Fe-
deração Espírita Brasileira e o médium
Francisco Candido Xavier.

O ilustre M. M. Dr. Juiz em exer-
cício na 8.ª Vara Cível, Dr. João Frede-
rico Mourão Russel, em brilhante senten-

ça, juridicamente fundamentada, julgou a Autora carecedora de ação.

Quer isto dizer que a Justiça, na manifestação dessa sentença, reconheceu e aplicou sabiamente o princípio exarado no nosso Código Civil e no Código de todas as nações cultas, segundo o qual «a existência da pessoa natural termina com a morte». Assim sendo, decorre, logicamente, dêsse princípio jurídico, que com a morte se extinguem todos os direitos, e, bem assim, a capacidade jurídica de os adquirir.

Pode, pois, a Federação, se transitar em julgado essa decisão e enquanto uma outra ação não fôr proposta, continuar a editar as obras de Humberto de Campos ou de qualquer outro escritor, recebidas mediunicamente, sem que seja obrigada a pagar direitos autorais a quem quer que seja.

E' bem possível que a viuva de Humberto de Campos não se conforme com a decisão judicial e, assim sendo, teremos outra oportunidade de ver como se manifestarão a respeito do caso em debate os senhores Desembargadores que honram e dignificam o nosso Tribunal de Apelação.

MUNDO ESPÍRITA, demonstrando, mais uma vez, o esforço que faz para levar a todos os seus milhares de leitores espalhados por todos os Estados do Brasil, o conhecimento de tudo quanto interessa à doutrina e aos seus seguidores, reproduz, na íntegra, a jurídica sentença do ilustre juiz Dr. João Frederico Mourão Russell.

A SENTENÇA

«D. Catharina Vergolino de Campos, na qualidade de viuva de Humberto de Campos, propôs a presente ação declaratória, contra a Federação Espírita Brasileira, a Livraria Editora da referida Federação, ambas com sede nesta capital, à Avenida Passos n. 30, e também contra Francisco Candido Xavier, brasileiro, solteiro, funcionário público federal, residente em Pedro Leopoldo, no Estado de Minas Gerais, para que se declare, por sentença, se são ou não do «espírito» de Humberto de Campos as obras literárias, referidas na inicial, que começaram a surgir posteriormente à morte do grande escritor, atribuídas ao seu «espírito» e «psicografadas» pelo «médium» Francisco Candido Xavier, segundo versão e técnica es-

píritas, obras essas reunidas em volumes e editadas pela Livraria Editora da Federação Espírita Brasileira, as quais são vendidas, livremente, à inteira revelia da suplicante e de seus filhos, condomínios dos direitos autorais da produção literária do «de cujus». Pergunta a suplicante se, no caso negativo, além da apreensão dos exemplares em circulação, estão os responsáveis pela sua publicação: passíveis da sanção penal prevista nos artigos 185 e 196 do respectivo Código; proibidos de usar o nome de Humberto de Campos em qualquer publicação literária; sujeitos ao pagamento de perdas e danos, nos termos da lei civil, e, no caso afirmativo, isto é, se puder ficar provado que a produção literária em apreço é do «espírito» de Humberto de Campos, pede a suplicante que se declare: se os direitos autorais pertencerão, exclusivamente, à família de Humberto de Campos, ou ao mundo espírita; se, reconhecidos os direitos autorais, poderão os titulares dêsses direitos dispôr livremente dessa bagagem literária, sem quaisquer restrições; se a Federação Espírita e a Livraria Editora estão passíveis das sanções previstas na lei, pela publicação das obras mencionadas, sem prévia permissão da família do escritor. Contestando a ação, alegam os suplicados, preliminarmente,— que o petitório é ilícito e juridicamente impossível (art. 201, número III, do Cód. Proc. Civ.); que a petição inicial é inépta (art. 160 e 201, n. VI, do Cód. Proc. Civ.); e que a ação declaratória é imprópria (art. 2.º, parágrafo único, do Cód. Proc. Civ.) e sustentam, quanto ao mérito da questão, com grande abundância de argumentos e citações, a improcedência da ação. Selados e preparados, vieram os autos conclusos para o despacho saneador de acordo com o disposto no artigo 293, do Código de Processo Civil; segundo a opinião de Pedro Baptista Martins, nos «Comentários ao Código de Processo Civil», volume III, n. 312, pág. 420, «o que há de novidade na estruturação do despacho saneador, é a salutar amplitude que se lhe dá, peculiarizando-o como fase essencial do procedimento, em que se examina não só a concorrência dos pressupostos processuais, mas, igualmente, a convergência das condições da ação. De facto, o n. III, do artigo 294, do Código de Processo, tal como foi redigido definitivamente pelo decreto-lei n. 4565, de 11 de agosto de 1942,

dispõe — no despacho saneador, o juiz: I, ... II, ...; III, examinará se concorre o requisito do legítimo interêsse económico ou moral. O legítimo interêsse económico ou moral, de que trata a lei, é o interêsse juridicamente protegido com a garantia da ação judicial, quer dizer; um direito subjetivo consagrado pela lei (direito objetivo), é o que, corretamente, ensina, no citado «Comentários ao Código de Processo Civil», volume I, n. 14, página 29, Pedro Baptista Martins, nas seguintes palavras, comentando o artigo 2.º do mencionado Código: «Nêsse ponto basta que se advirta que não é legítimo o interêsse quando não o tutele o direito objetivo». O mesmo pensamento se traduz na lição de Carvalho Santos, no comentário ao mesmo artigo 2.º, quando diz: «Essa é a realidade, que melhor se acentua se se tiver em vista que o interêsse, quando desacompanhado do direito, não dá lugar a nenhuma ação, nem faculta a ninguém o ingresso em Juízo» (Código de Processo Civil Interpretado», vol. I, pág. 44-45). Ora, nos termos do artigo 10 do Código Civil «a existência da pessoa natural termina com a morte»; por conseguinte, com a morte se extinguem todos os direitos, e, bem assim, a capacidade jurídica de os adquirir. No nosso direito, é absoluto o alcance da máxima «*mors omnia solvit*». Assim, o grande escritor Humberto de Campos, depois de sua morte, não poderia ter adquirido direito de espécie alguma, e, consequentemente, nenhum direito autoral poderá da pessoa dele ser transmitido para seus herdeiros e sucessores. Nossa legislação protege a propriedade intelectual em favor dos herdeiros até certo limite de tempo, após a morte, mas o que considera, para esse fim, como propriedade intelectual, são as obras produzidas pelo «de cuius» em vida, o direito a estas é que se transmite aos herdeiros.

Não pode, portanto, a suplicante pretender direitos autorais sobre supostas produções literárias atribuídas ao «espírito» do autor. Como aparente proteção jurídica, ao nome, reputação ou aos despojos de pessoa falecida, só se encontra em nossa legislação penal a incriminação da calúnia contra os mortos (art. 138, parágrafo 2.º, do Cód. Penal) e dos factos que envolvem desrespeitos aos mortos, definidos nos artigos 209 a 212 do mencionado Código. A razão da incriminação

não está, entretanto, na proteção de quaisquer direitos acaso reconhecidos aos mortos e sim por serem tais factos violação de direitos de próximos parentes ou da ordem ou tranquilidade pública, como bem explicam Eduardo Espinola e Eduardo Espinola Filho, no Tratado de Direito Civil Brasileiro, volume X, n. 99, página 617. Do exposto se conclue que, no caso vertente, não há nenhum interêsse legítimo que dê lugar à ação proposta. Além disso, a ora intentada (ação declaratória) não tem por fim a simples declaração de existência ou inexistência de uma relação jurídica, nos termos do parágrafo único do artigo 2.º do Código de Processo, e sim a declaração de existência ou não de um facto (se são ou não do «espírito» de Humberto de Campos as obras referidas na inicial), do qual hipoteticamente, *caso ocorra ou não*, possam resultar relações jurídicas que a suplicante enuncia de modo alternativo. Assim formulada, a inicial constitue mera consulta; não contém nenhum pedido positivo, certo e determinado, sobre o qual a Justiça se deva manifestar.

O PODER JUDICIÁRIO NÃO É ÓRGÃO DE CONSULTA

Para que se provoque a sua jurisdição, o litigante, mesmo na ação declaratória, há de afirmar um facto que se propõe a provar e pedir que o juiz declare a relação jurídica que dêesse facto se origina. A não ser que se peça a declaração da autenticidade ou falsidade de algum documento (caso em que o autor deve afirmar inicialmente, para provar depois se é falso ou verdadeiro o documento), o objeto da ação declaratória há de ser necessariamente a existência ou inexistência de uma certa relação jurídica, não só do facto de que ela possa ou não se originar. Só afirmando um facto e a relação jurídica que dele deriva poderá o autor vencer a ação ou dela decair. Como observa, com razão, a contestação, a presente ação declaratória, tal como está formulada a conclusão inicial, jamais poderia ser julgada improcedente, se fôsse admissível. Isto posto: julgo a suplicante carecedora da ação proposta e a condeno nas custas».

De «Mundo Espírita», de 26/8/44.

Sessão Comemorativa

Como de costume, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» realizou, dia 15 do mês passado, uma sessão comemorativa do 39.º aniversário de «O Clarim».

O salão do Centro ficou superlotado, notando-se a presença dos espíritas locais e de grande número de espíritas de outras cidades que, num gesto de solidariedade fraterna, vieram trazer os seus testemunhos de estima à obra do nosso amado companheiro Cairbar Schutel.

A sessão, que foi aberta pelo companheiro Costa Filho, teve início às 20 horas. A seguir, recitaram poesias, as seguintes crianças e jovens: Manoela Torres, Antonio Carvalho, Evaní Gonçalves, Odete Pinto, Neide Marzo, Carmen Torres, Iracema Carvalho, Edna Gonçalves e Edméia Costa, que leu um escrito sôbre a data.

Usaram da palavra os seguintes confrades: José Dias, representando a família espírita de Rio Claro; Cap. João Justiniano dos Santos, representando a União Espírita de Dous Corregos; Pedro Jacob Celli, representando a Sociedade Beneficente «Obreiros do Bem», de Araraquara; Luiz Barbosa, representando o Centro Espírita «Amor e Caridade», de Araraquara; Alcides Alves Ferreira, representando o Centro Esp. «Fé, Amor e Caridade», de Araraquara; José de Lima Pezza, representando o Centro Esp. «Fonte, Luz e Caridade», de Araraquara; Dr. Urbano Assis Xavier, presidente da União Espírita Allan Kardec, de Tupan; Lourenço Bianchi, representando «A Nova Era», de Franca; Guilherme Rocco, representando o Centro Esp. «Allan Kardec», de Nhandeara; Onofre Batista, Hugo Gonçalves, Prof.ª D. Maria Casanova, e João Leão Pitta, que encerrou a sessão com tocante prece.

Estiveram presentes ao ágape es-

piritual, mais os seguintes Centros: «Vicente de Paulo», de Mirasol, representado pelo sr. Hugo Bortolucci; «Vianna de Carvalho», do Bairro do Cultivado, Monte Aprazível, representado pelo sr. Antonio da Silva Sapateiro; União Espírita de Piracicaba e Grupo Espírita «Fóra da Caridade não ha Salvação», representados pelo sr. João Leão Pitta; sr. Jason Pereira de Souza, representando os espíritas de Galia; sr. José Nicolau da Silva, representando os espíritas de Campo Florido, Minas.

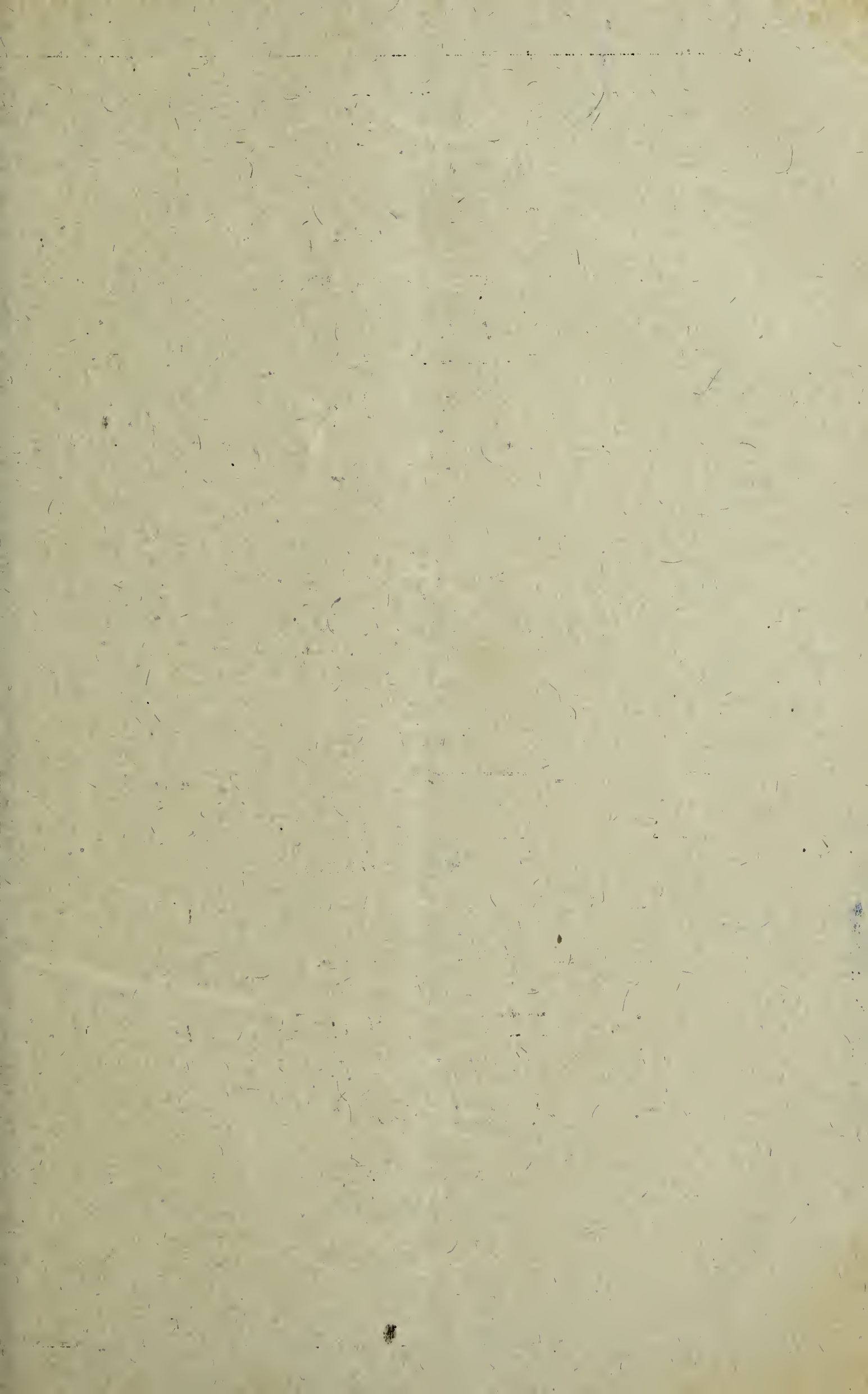
Visita

Afim de participarem da sessão comemorativa do 39.º aniversário de «O Clarim», realizada no dia 15 do mês passado, pelo Centro Espírita «Amantes da Pobreza», deram-nos o prazer de sua visita os seguintes confrades srs. Dr. Urbano de Assis Xavier e Jason Pereira de Souza, de Tupan; Dr. Luiz Barbosa Filho e Mario Soares Ferreira, de Taquaritinga; Farm. José Perche de Menezes, de Tanabí; José Nicolau da Silva, de Campo Florido, Minas; srta. Adalgisa Antunes, da Capital; Lourenço Bianchi, de Rio Preto; Hugo Bortolucci e sua exma. esposa D. Idalina Bianchi Bortolucci, de Mirasol; Guilherme Rocco, de Nhandeara; Antonio da Silva Sapateiro, de Cultivado, Monte Aprazível; Benedito Cardoso, José de Lima Pezza, Alcides Alves Ferreira, Pedro Jacob Celli, Luiz Barbosa, Domingos de Marzo e sua exma. esposa D. Aurora de Marzo, todos de Araraquara; Cap. João Justiniano dos Santos, de Dous Corregos; José Dias, de Rio Claro; Jairo Perche de Menezes, de S. Paulo; Theophilo Perche da Silveira, de Lácio; Onofre Batista, de Itapira.

— A todos os nossos sinceros agradecimentos.

Saber sofrer resignadamente com os olhos voltados para o Modelo Divino — Jesus, é saber preparar a verdadeira alegria.

ANTENOR RAMOS.



Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor. José da Costa Filho

Redator: Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e Ecos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr. \$20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25,00
— ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30,00
— ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. \$2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

